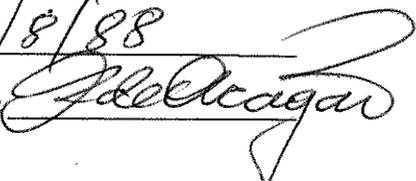


Afonso Antonio Machado

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida por Afonso Antonio Machado e aprovada pela Comissão Julgadora em 26/8/88

Data: 26/8/88
Assinatura: 

QUESTÕES CRUCIAIS DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação, na Área de Metodologia de Ensino, sob a orientação da Prof^a Dr^a Rosália Maria Ribeiro de Aragão.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Faculdade de Educação

- 1988 -

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

COMISSÃO JULGADORA

[Handwritten signature]

[Handwritten initials]

[Handwritten signature]

[Handwritten signature]

Ao Geraldo, meu pai, que partiu sem me ver formado; à Carmen, mulher-mãe por natureza, opção e amor, batalhadora incansável; à Rosa, orientadora amiga e justa, que busca me conduzir com segurança e exatidão e, aos meus eternos professores e amigos do Instituto de Educação Experimental Jundiaí, de Jundiaí, dedico este trabalho, com a certeza de que cada um passa em nossas vidas, sozinho. Mas não vai sozinho - e não nos deixa só. Leva um pouco de nós e deixa um pouco de si...

"Pelo movimento, o corpo
deixa de ser uma coisa para tor-
nar-se uma interrogação".

- ISADORA DUNCAN -

AGRADECIMENTOS

Quando pensamos nos agradecimentos que deveríamos dirigir, ao término de nosso trabalho, ficamos preocupados com o teor de mensagem que transmitiríamos: ou ela seria muito pessoal, correndo o risco de se descaracterizar e não manifestar nossos reais sentimentos, ou seria muito restrita, cansativa de ser lida e piegas demais. Assim sendo, optamos por uma outra forma em que faremos menção a pessoas que escreveram algumas páginas, mais significativas, no livro de Nossa Vida.

Não pretendemos agradecer, de forma simples, mas deixar registrada a influência de algumas pessoas na viabilização e execução deste trabalho e a gratidão que sentimos por essas contribuições. Podemos garantir que, no transcorrer do tempo, muitos partilharam de sua realização, o que nos permite dizer que realizamos um trabalho de grupo, de conjunto, de equipe.

É o caso do Prof. Newton César Balzan que sempre confiou no nosso desempenho escolar e profissional, e que com carinho e maestria, nos conduziu por todo o percurso do segundo e terceiro grau de escolaridade, aportando-nos na Pós-Graduação em Educação, da Unicamp.

Aos saudosos Mestres dos primeiros anos escolares, guardamos espaços especiais - foram os que nos despertaram à criatividade, à cientificidade; sem estes os ensinamentos pós-graduados seriam como folhas ao vento.

Como não nos lembrarmos da disponibilidade, incentivo e colaboração da Lilian de Almeida, Regina de Assis, Antonia Helena Nano, Cecília Tedesco Scholten, Wilson Roberto Fernandes, cada qual, ao seu estilo, preenchendo espaços impossíveis de se-

rem cobertos por um só amigo?

Aos professores José Dias Sobrinho, Sarita, Ucha, A polônio e Jimmy, por acreditarem que conseguiríamos desenvolver nossos estudos e venceríamos a barreira que o tempo nos propusera, somos gratos e reconhecidos.

Várias páginas de Nossa Vida foram preenchidas pelos nossos alunos do primeiro, segundo e terceiro graus, em seus níveis de interferências, problemas, soluções e intenções. Como foi gratificante contatarmos tantos grupos diferentes e podermos receber tanto apoio, tantas palavras encorajadoras!...

Páginas especiais couberam à Rosália. A ela endereço o mérito pelo esforço empreendido, a exatidão do pensamento e a clareza da palavra escrita. Acreditamos que a coragem para vencer tal desafio só foi possível diante de seu apoio firme, constante.

É assim que, ao tornarmos público o trabalho realizado, gostaríamos de ver explicitado que, sem os co-autores mencionados estaríamos, ainda, pobres de conhecimentos e desprovidos de ação. Eles continuarão a ser pessoas imprescindíveis em nossas vidas.

"Quanto menos criticidade em nós, tanto mais ingenuamente tratamos os problemas e discutimos superficialmente os assuntos".

- PAULO FREIRE -

RESUMO

A aproximação do autor deste trabalho com os temas abordados - Questões Cruciais da Educação Física - remota ao início de sua atividade docente na disciplina Educação Física, no ensino de primeiro e segundo graus e, também, em tempos recentes, no ensino universitário.

Desde aquela época vimos nos deparando com questões muito comuns na atividade docente, especificamente na área da Educação Física, na qual sempre atuamos profissionalmente, quais sejam: a competição, os alunos inaptos, à prática desportiva, os mitos, a propaganda, a competência do profissional docente, as finalidades e objetivos da própria Educação Física, etc.

A pesquisa sobre cada um desses temas - geradores de discrepância atitudinal dos profissionais da área - foi elaborada, não apenas para fins deste estudo, mas no decorrer do tempo. Buscamos tratar estes temas de forma tal que possa ser ressaltada a urgente necessidade de mudança - ampla e profunda - nesse campo de estudo e, é assim que se apresentam espaços que visam explicitar não só a formação usual dos profissionais hoje atuantes, mas também a busca de uma nova dimensão para a necessária formação profissional na área.

Sem dúvida alguma, o interesse em discutirmos a Educação Física Escolar e a Educação Física Competitiva levou-nos a propor temas de estudos que salientam a importância de se pensar sobre facetas pouco confrontadas, como a rotatividade docente, a inaptidão para a Educação Física e a utilização de atividades alternativas, assim como de repensar, em ângulos de enfoque variados, a competição, a propaganda na Educação Física Competitiva, o profissionalismo oculto em atividades amadorísticas, o valor

atribuído aos jogos e, em perspectiva de transformação, novas tendências que se apresentam centradas na "Educação do Movimento".

Apresentamos, ainda, como perspectiva do nosso ponto de vista, uma visão da Educação Física, na qual se enfatizam aspectos da corporeidade. Esta nova abordagem é configurada como uma das possíveis saídas para as situações ditas de impasse, há tanto tempo criadas e ainda existentes.

No estudo ora apresentado buscamos trabalhar à luz da nossa experiência em ambientes profissionais e de outras contribuições advindas de pesquisas e de publicações recentes, nacionais e/ou estrangeiras, que pudessem fornecer informações relevantes para esclarecimento e compreensão das questões por nós destacadas como cruciais na Educação Física.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	i
RESUMO	iii
CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES	01
CAPÍTULO 1 - A FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO FÍSICA: NO ÂMBITO DO EXISTENTE E NA PERSPECTIVA DO DESE <u>J</u> JÁVEL	03
O Espaço-Existente: Uma Breve Retrospectiva His <u>t</u> tórica	04
Educação Física: Concepção e Organização Acadê <u>m</u> mica da Área.....	06
Conhecimento Específico da Educação Física na Formação Profissional.....	09
A Competência do Profissional Docente para o Ensino.....	13
O Perfil do Profissional Hoje Atuante.....	17
O Espaço em Perspectiva: A Busca de uma Nova Di <u>m</u> ensão.....	22
CAPÍTULO 2 - EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: DA FEIÇÃO ATUAL ÀS AL <u>-</u> TERNATIVAS POSSÍVEIS DA PRÁTICA ESPECÍFICA.....	26
Finalidades e Objetivos da Educação Física Esco <u>l</u> lar.....	28
Considerações Sobre a Educação Física Escolar..	30
A Rotatividade Docente.....	33
Os Inaptos na Educação Física Escolar.....	36
Atividades Alternativas e a Educação Física Es <u>-</u> colar.....	42
Possíveis Saídas para a Educação Física Escolar	43

CAPÍTULO 3 - A EDUCAÇÃO FÍSICA COMPETITIVA: DO SIGNIFICADO DA COMPETIÇÃO ÀS REPERCUSSÕES NA PRÁTICA EDUCATIVA.	47
Tendências Gerais da Educação Física Brasileira: À Guisa de Recuperação Histórica.....	49
O Profissional e a Competição.....	53
A Competição como Descarga Energética.....	56
Educação Física Competitiva ou Propaganda.....	60
A Educação Física Competitiva e o Mito.....	62
Educação Física Competitiva e o Profissionalismo Oculto.....	64
O Jogo e a Educação Física Competitiva.....	66
A Educação do Movimento e a Educação Física Com- petitiva: Uma Nova Tendência.....	69
CAPÍTULO 4 - PERSPECTIVAS: A BUSCA DE ESPAÇOS NOVOS E PRÓ- PRIOS.....	75
Nova Visão da Educação Física.....	77
Corporeidade.....	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
BIBLIOGRAFIA.....	87
SIGLAS.....	90

"O Homem é uma corda estendida
entre o animal e o super-homem. Uma
corda sobre o abismo".

- NIETZSCHE -

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

A Educação Física, inserida no contexto educacional, aparece intimamente ligada a situações sociais, manifestando, no seu âmbito, o caráter reprodutivo da própria educação.

Muito do que se passa em aulas de Educação Física pode demonstrar o grau de avanço, de manutenção ou de transformação social, de que a escola participa, bem como pode evidenciar a amplitude ou a qualidade da formação e capacitação de seus profissionais.

É crucial, para a Educação Física, a flutuação da ação pedagógica de seus profissionais, sempre observada em escolas de primeiro e segundo graus, vez que pouco se vem, efetivamente, fazendo para alterar o quadro. Observam-se professores pouco participativos e muito pouco envolvidos com os aspectos específicos da aprendizagem e da Educação, contudo, simplesmente atuando como elementos ativos na manutenção disciplinar e no comando dos "jogos-pelos-jogos". Isto muito embora faça com que os professores de Educação Física, muitas vezes, gozem de uma imagem diferenciada em relação aos demais docentes de outras áreas, contribui também para que as ações na Educação Física sejam mantidas em termos muito mais técnicos que educativos.

Parece descabido exigir-se que tal professor, cuja formação, via de regra, apresenta lacunas, em termos científicos, na área médica ou para-médica, aventure-se ao improvisado de dosar treinamentos, incentivar competições e participar de torneios escolares, descartando a necessidade de melhor conhecer e compreender os fatores que incidem sobre o crescimento e o desenvolvimento de seus alunos.

Na Educação Física Competitiva, observamos contínuo distanciamento dos fatos sociais reais e promoção de uma falsa visão do esporte em si. Não temos super-atletas, tão pouco super-alunos. O que temos são alunos com vontade de aprender e de jogar, independentemente de ganhar ou de perder. Estes valores de vitória e de derrota, a escola passa para eles, com conotações determinadas, através das aulas e turmas de treinamentos mantidos pela Educação Física, no cotidiano de suas atividades.

Perspectivas de melhora, configurando nova visão da área, são sentidas ou esperadas, principalmente pela redimensão dos cursos existentes. Sugestões para nova dimensão prometem melhoras significativas na qualidade da formação docente, a Educação Física, como toda a Educação, precisa de um novo pensar, mas urge de um imediato fazer. E um fazer consciente, abrangente e real.

O estudo que ora apresentamos não pretende assumir caráter conclusivo, mas indicador de pontos vulneráveis e passíveis de correção, com o propósito de contribuir para uma nova postura. Acreditamos que a contribuição se dá na medida que buscamos destacar algumas das questões cruciais desse universo tão controverso e tão pouco estudado. À luz da nossa experiência profissional e de outras contribuições disponíveis na literatura específica, buscamos refletir sobre essas questões para melhor compreendê-las e, para vislumbrar possíveis formas de ação que possam influir sobre fatores e contradições que se reconhecem nelas presentes.

"Creio que já é tempo de acordar e fazer acordar para mais essas mentiras que (também) parecem verdades, exatamente porque são belas e é tempo de subverter, de revelar algumas verdades, ainda que não sejam tão glamourosas.

É mister denunciar verdades que de tão feias - parecem mentiras".

- GUIDO DE ALMEIDA-

CAPÍTULO I

A FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO FÍSICA: NO ÂMBITO DO EXISTENTE E NA PERSPECTIVA DO DESEJÁVEL.

Neste capítulo abordamos questões relativas à formação dos profissionais da Educação Física, buscando configurar aspectos considerados cruciais e tentando, ao mesmo tempo, estabelecer relações com elementos ou posições encontradas na literatura disponível, com o propósito de compreender e valorar as situações praticadas hoje, bem como refletir sobre tendências de superação dessas situações ou, pelo menos, situar rumos de possíveis alterações do que existe, em termos de renovações e redimensionamento da prática usual.

Assim é que o conhecimento específico, objeto de estudo nos cursos de Formação de Professores de Educação Física, tanto quanto a competência docente e, ainda o perfil do atual educador, fazem parte do estudo aqui apresentado.

A questão da formação profissional se constitui em um daqueles temas em discussão contínua, em todo o mundo. É o homem, a cada dia um novo homem e, portanto, temos uma sociedade que a cada ano, cada década, apresenta outras características. Assim, é de se esperar que mudem os alunos, ou seja, aqueles a quem a formação profissional se dirige, que mudem as necessidades da sociedade quanto a este profissional e, finalmente, que mudem os próprios professores encarregados da formação deste profissional. A dinâmica do processo parece ser a característica básica dos cursos de formação profissional em Educação Física.

No entanto, a realidade não é bem esta. Facilmente en-

contramos cursos de licenciatura hoje, com a mesma estrutura curricular de 10 ou 20 anos atrás, cujas disciplinas oferecidas seguem um programa repetido ano a ano. HILDEBRANDT e LAZING concluem em seus estudos (1986) que as mudanças quando ocorreram, foram provocadas pelas tendências do mercado de trabalho e não se apresentaram como fruto de reflexões sobre os requisitos fundamentais da formação de um profissional em Educação Física.

O Espaço Existente: Uma breve retrospectiva Histórica

Os cursos de Educação Física existentes são regidos por um currículo mínimo proposto pelo Conselho Federal de Educação, restrito à formação de Licenciatura em Educação Física e se constituíram, ao longo do tempo, cursos em que as disciplinas práticas e profissionalizantes eram ministradas por professores de Educação Física licenciados e com cursos técnicos desportivos e especialização em suas áreas, enquanto que as disciplinas "teóricas", ficavam a cargo de profissionais formados em outras áreas ou disciplinas. Estes professores, das chamadas disciplinas "teóricas", que com outra fonte de renda ministravam aulas nos cursos de Licenciatura em Educação Física, com pouco ou nenhum interesse pela Educação Física em si, raramente desenvolviam projetos de pesquisa relacionados com o homem em movimento. Ainda hoje barreiras existem quando um professor de Educação Física se propõe a lecionar disciplinas como Fisiologia, Biomecânica, Anatomia, Didática, Estrutura e Funcionamento de Escolas. Posteriormente discutiremos o problema referente a disciplinas curriculares em Educação Física que raramente são oferecidas por professores de Educação Física.

Desta forma, a Educação Física vem sendo tratada como

uma profissão de natureza interdisciplinar, dependendo totalmente do avanço das disciplinas tradicionais, como por exemplo, da Fisiologia e da Psicologia, de onde o conhecimento aplicado em Educação Física teve sua origem (OLIVEIRA, 1985). Atualmente, com os cursos de Pós-Graduação em Educação Física foram dados os primeiros passos para que a Educação Física desenvolvesse um corpo de conhecimento que lhe seria específico, a partir de investigações científicas dirigidas à compreensão do ser humano em atividades físicas. No entanto, estes passos ainda não se fizeram sentir nos próprios cursos de Graduação, uma vez que os resultados dos estudos lentamente são divulgados. Muita coisa se tem pesquisado, muito se debate mas pouco se divulga e se sabe destes estudos; o problema da formação profissional é, portanto, muito complexo, envolvendo o próprio conceito de Educação Física, a questão do generalista-especialista, o corpo de conhecimento que o profissional da atividade física possui, as habilidades que convém dominar (DEMEL, 1978), (GRUPPE, 1976).

É por isso que nossa atenção estará voltada para alguns aspectos da formação profissional, aspectos estes que consideramos importantes para uma reflexão sobre o assunto.

Por muito tempo, os cursos eram oferecidos por Institutos Isolados de Ensino Superior (IIES) ou Escolas de Educação Física particulares e, somente no fim da década de 60 e início da década de 70 alguns desses cursos oferecidos pelos IIES foram incorporados pelas universidades; é também neste período que surge a Educação Física, como disciplina curricular, obrigatória a todos os alunos de 3º grau de ensino. Além disso a Educação Física continuamente vem sendo oferecida à população interna e externa à universidade através de cursos e programas de extensão de serviços à comunidade, atualmente.

Podemos afirmar que a Educação Física na universidade deve garantir a prática da atividade física a todos os alunos atendendo aos interesses e necessidades destes e que, devido a esta prática, em muitas universidades o número de professores de Educação Física é bastante elevado.

Tendo em vista os próprios objetivos da universidade, cabe a ela a formação de recursos humanos para o desenvolvimento de atividades profissionais, portanto a universidade deve oferecer cursos de Graduação e Pós-Graduação, garantindo assim a formação de profissionais e de pesquisadores-cientistas (COSTA, 1971), Cabe à universidade o oferecimento de serviços à comunidade através de cursos de extensão ou programas específicos. Esta função da universidade, muitas vezes relegada a um terceiro plano, é muito importante, uma vez que garante entrosamento e harmonia entre a universidade e a sociedade onde se insere.

A introdução do curso de Educação Física nas universidades federais, estaduais e particulares, tem provocado uma série de mudanças quanto à formação dos docentes que atuam nos seus cursos de formação profissional. Cada vez mais aumentam as pressões quanto à titulação, pelo menos a nível de mestrado, para os que lecionam nos cursos de graduação.

Educação Física: Concepção e Organização Acadêmica da Área

A entrada da Educação Física na universidade parece significar, antes de mais nada, o seu reconhecimento pelo mundo do saber, do conhecimento. Esta mudança, no entanto, depende da consolidação dos cursos de Pós-Graduação e da produção científica dos centros de investigação em Educação Física e para que isso aconteça é preciso que seus profissionais se preocupem com

suas pesquisas e respectivas divulgações.

HILDEBRANDT e LAZING (1986) consideram que a Educação Física será tanto melhor conceituada quanto maior for seu engajamento com o social real, do qual faz parte.

Dentro desse universo de estudo, a relação existente entre Educação Física, Esporte, Recreação e Dança tem sido fruto de frequentes discussões. No entretanto, estas discussões nem sempre têm sido frutíferas uma vez que têm sido norteadas pela preocupação com o mercado de trabalho dos egressos de cursos de Educação Física.

Aqueles que se preocupam com a relação citada acima usualmente buscam as similaridades e diferenciações existentes entre específicos referidos. Observa-se que, tanto na Educação Física, como no Esporte, na Recreação e na Dança o elemento comum é o homem em atividade física.

Como a Educação Física é uma disciplina curricular em todos os graus de ensino, ela acaba incorporando em muitos momentos, o esporte, a recreação e a dança, chegando a equivaler a essas formas de manifestação de movimento. Na própria legislação esta relação é feita ao considerar-se que a Educação Física se desenvolve através do esporte, da recreação e da dança. Como a formação profissional ainda se dá na área de Educação Física parece evidente que essa formação seja suficiente e/ou pelo menos necessária para o profissional que venha a atuar na recreação e no esporte respectivamente.

Uma revisão das concepções da Educação Física, esporte, recreação e dança em termos de suas diferenças, pressupõem que a Educação Física possa englobar essas manifestações.

Se por um lado o esporte e a dança tem um objetivo comum, que é o de um alto nível de performance, no esporte a com-

petição ou a disputa é a principal característica, enquanto que na dança é a arte como expressão cultural. Tanto o esporte como a dança são fenômenos culturais, que acompanham a própria evolução do homem. Já existiam antes do aparecimento da Educação Física e independem dela para subexistir. Como fenômenos culturais assim teriam que ser tratados e estudados: por refletir a visão do homem quanto à sua própria natureza e a natureza que o cerca, isto é a visão do homem como ser social.

Em "Manifesto Esporte-Participação", elaborado pelo MEC, encontramos que a recreação, por sua vez, é tão velha quanto à dança e o esporte, ela é, sem dúvida, um fenômeno com outras dimensões nos "tempos modernos". A preocupação em aumentar o tempo livre, trouxe novas dimensões a um fenômeno que vai se afastando cada vez mais do que identificamos como "Educação Física".

Na Educação Física a preocupação central é garantir o pleno desenvolvimento do ser humano no que diz respeito as suas capacidades motoras. Para tanto, busca-se enfatizar a educação do movimento para que a educação pelo movimento possa posteriormente ocorrer. Assim o elemento chave na Educação Física é o desenvolvimento do controle motor que ocorre à medida em que se busca a educação do movimento. Fazer da Educação Física um meio para se desenvolver e esporte, a recreação e a dança e retirar da Educação Física sua principal finalidade é esvaziá-la de seu conteúdo, segundo Carta de Belo Horizonte, 1984. Uma análise mais detalhada sobre o corpo de conhecimento referente a estes fenômenos, aqui em discussão, seria a melhor estratégia para identificar os aspectos comuns e as diferenças mais marcantes entre eles.

A Educação Física é um campo de atuação profissional

que se preocupa, como se disse, com a dimensão motora do ser humano e os seus profissionais precisam possuir conhecimentos que são específicos de sua função social. Por esse raciocínio a Educação Física, como uma profissão, tem necessidade de se apoiar em profissionais que não possuam apenas habilidades de execução mas a capacidade de passar essas mesmas habilidades a outras pessoas com o objetivo de levá-las ao pleno desenvolvimento de suas próprias capacidades motoras e seu perfeito ajuste social.

Como o conhecimento em Educação Física não está plenamente articulado, o comportamento do profissional da atividade física, nem sempre revela todo o conhecimento da profissão, que de fato venha a possuir (BERMAN, 1981).

Conhecimento Específico da Educação Física na Formação Profissional

No presente, uma preocupação com o corpo de conhecimento em Educação Física se faz sentir principalmente com a criação dos primeiros cursos de Pós-Graduação em Educação Física. Uma vez na Pós-Graduação se reflete, se analisa, se amplia, cria e transforma o saber, o conhecimento.

Enquanto em nosso meio, a questão da disciplina acadêmica Educação Física ainda não foi seriamente discutida, em países como Estados Unidos e Alemanha, a década de 60 registrou um grande debate acadêmico sobre o conteúdo desta disciplina acadêmica e a formação profissional correspondente.

F. HENRY (1964) em um trabalho considerado clássico afirmou que a Educação Física possui um corpo organizado de conhecimento reunido coletivamente em um curso formal de aprendizagem. Ainda de acordo com HENRY, a aquisição de tal conhecimen

to tem um objetivo adequado e valioso por si só, sem necessitar de qualquer demonstração ou aplicação prática. Este conhecimento é de natureza teórica e não apenas técnica ou profissional compreendendo fatos ou hipóteses que giram em torno da compreensão de como interage o ser humano com seu ambiente quando da execução de movimentos ou tarefas motoras.

RARICK (1967) analisou a relação entre a Educação Física e outras disciplinas; considerando que o conhecimento tem se acumulado rapidamente, principalmente devido ao uso do método científico, disciplinas novas emergiram quando os estudiosos se concentravam em áreas cada vez mais específicas. Assim como HENRY (1964), RARICK também reconhece a dificuldade em se delimitar um campo de estudo. Os interesses e esforços dos cientistas de muitas áreas se sobrepõem, do mesmo modo que há um consenso de que ao final, os resultados dos esforços acadêmicos levam a aplicações práticas sob as quais a sociedade avança.

Os resultados de atividades acadêmicas, em Educação Física, pretendem ter um impacto sobre a formação profissional e desenvolvimento de programas de Educação Física nos vários níveis de ensino; enquanto que os professores ou profissionais da Educação Física estariam envolvidos com a aplicação do conhecimento, os esforços acadêmicos deveriam estar voltados para a produção e criação deste conhecimento. De acordo com RARICK (1967), o corpo de conhecimento que é específico da Educação Física gira em torno dos seguintes aspectos:

I - Biomecânica do movimento, o modo de aquisição e controlados padrões de movimento e os fatores psicológicos que afetam as respostas motoras;

2 - Fisiologia humana sob "stress" do exercício, esporte e dança e os efeitos imediatos e duradouros da atividade física;

3 - Os aspectos culturais e históricos da Educação Física e dança, que devem ser explorados melhor;

4 - Os aspectos sociais, uma vez que o homem não funciona isoladamente.

Em 1966, um projeto norte-americano definiu o corpo de conhecimento da disciplina acadêmica Educação Física - "The Big Team Body of Knowledge Symposium Project"-propondo seis áreas de especialização: Fisiologia do Exercício, Biomecânica, Aprendizagem Motora e Psicologia do Esporte, Sociologia da Educação Física e Esporte, Educação Física Comparada e Teoria Administrativa em competições esportivas e Educação Física.

Enquanto que, nos Estados Unidos, os modelos desenvolvidos para explicar a disciplina acadêmica, Educação Física, não reconhecem a pedagogia esportiva como uma sub-área, na Alemanha o termo "Sportwissenschaft" corresponde aos aspectos científicos da Educação Física, incluindo os aspectos de humanidades, artes e ciências relacionadas ao fenômeno esporte. O termo esporte, quando ligado a ciência, compreende todo tipo de atividade física não somente aquela relativa aos esportes competitivos. De acordo com tal estudo, a divisão da "ciência do esporte", na cultura alemã, consiste em:

A. Fundamentos anátomo-fisiológicos e motores.

1. Medicina do Esporte
2. Biomecânica do Esporte

B. Fundamentos sociais e comportamentais.

3. Psicologia do Esporte
4. Pedagogia do Esporte
5. Sociologia do Esporte

C. Fundamentos histórico-filosóficos.

6. História do Esporte

7. Filosofia do Esporte

Há uma grande tendência em considerar-se a Educação Física como intradisciplinar uma vez que o conhecimento é buscado a partir do enfoque da própria Educação Física, em aspectos que lhe são específicos. Pesquisando nos Boletins da F.I.E.P. (1986) assim a Educação Física não se desenvolveria esperando e emprestando conhecimento das disciplinas tradicionais mas desenvolvendo uma sequência integrada, ordenada e lógica de certos aspectos das disciplinas tradicionais, aspectos estes centrados no ser humano executando atividade física.

Apesar do pequeno número de professores de Educação Física com formação adequada para ministrar as disciplinas tradicionais como Anatomia, Fisiologia do Exercício, Cinesiologia do Esporte e outras, esperamos que, com o correr do tempo, estas disciplinas possam ser dadas, de preferência, por indivíduos formados em Educação Física. Se o conteúdo destas disciplinas é realmente importante na formação profissional em Educação Física, não há nenhuma razão, a priori, que impossibilite a um professor de Educação Física aprofundar seus estudos nestas disciplinas e se tornar responsável pelo desenvolvimento destas nos cursos de graduação. Entretanto é preciso reconhecer que alguns indivíduos formados nas disciplinas tradicionais vêm se dedicando plenamente e contribuindo positivamente no desenvolvimento do corpo de conhecimento em Educação Física.

Acreditamos portanto, que não devam existir barreiras quanto à área de formação daqueles que lecionam nos cursos de formação profissional em Educação Física e que o critério de seleção deva se apoiar no conhecimento e interesse pelos aspectos específicos da Educação Física. Quando falamos na formação do professor de Educação Física, temos que considerar alguns fato-

res que concorrem para sua maior ou menor preparação profissional. Ao observarmos atentamente os programas propostos pelas entidades de ensino, notaremos que a abrangência com relação à adequação e diversificidade de experiência não é primordial. Cobra-se um conhecimento específico limitado, bem delineado, de forma a ter uma conotação técnico-desportiva bem forte, sem grandes propensões à biomecânica ou ao aspecto social. O fato psicológico é visto superficialmente, o que faz com que as ofertas curriculares não se tornem suficientemente ricas e diversificadas e nem que sejam capazes de permitir relevantes experiências educacionais, para uma futura especialização (GOULD, 1984).

A Competência do Profissional Docente para o Ensino

A preocupação dos Departamentos, como unidades institucionais, em desenvolver ou participar de programas para a melhoria do ensino de Educação Física apresenta-se como bastante relevante. De modo geral, não se observam iniciativas, tendo em vista este tipo de atuação, principalmente pela ausência de uma política bem definida, apoiada em objetivos concretos, ou mesmo de planos de ação. Por outro lado, via de regra não se tem clareza sobre o tipo de profissional que se pretende formar. De forma semelhante, percebe-se haver embaraço quanto ao tipo de profissional que se contrata, dado o desconhecimento da sociedade em que se trabalha e até mesmo uma confusa cooperação interdepartamental. Nota-se a ocorrência de constantes lutas pelo fortalecimento deste ou daquele departamento, fato comum nos meios universitários, quando se busca a contratação de profissionais mais titulados ou experientes, ou que atuem numa ou noutra área de interesse institucional. Admitindo-se, contudo, que tais es-

forços sejam bem sucedidos, a força da titulação ou do engajamento de profissionais de nível elevado de qualificação e experiência não garante a coesão necessária para a atuação conjunta na solução de problemas cruciais.

Isso parece mais facilmente perceptível quando se luta pelo entendimento e encaminhamento da política educacional da Instituição ou do Departamento. Muitas vezes tal estado de desarranjo é oriundo de uma fraca política ou mesmo de sua inexistência ou inoperância.

A absorção de alunos de alta qualificação, pelos programas, já é uma realidade, assim como a busca de pessoas de conhecida capacidade e pesquisadores bem preparados ou, com novos rumos de pesquisas são tendências observadas na contratação de docentes. Alunos em quaisquer das áreas, ao se sobressaírem na graduação já se interessam por iniciar um trabalho formalizado que os possa dirigir à pesquisa, sob orientação de um ou outro professor de seu curso. Há casos excepcionais de novos profissionais, recém-saídos das faculdades, com produção acadêmica de excelente nível e alto grau de aproveitamento no desenvolvimento do ensino de 3º grau. Mas, ainda há empecilho - se assim pudermos chamar - de continuidade da carreira universitária, caso pensemos em titulação e desempenho: se por um lado, a universidade busca contratar o profissional titulado ou em término de pós-graduação, por lado, os programas de pós-graduação dão preferência para admissão aos profissionais já vinculados ao 3º grau.

É assim que o círculo se fecha: a universidade querendo o titulado e a instituição que pode oferecer a titulação preferindo o já engajado no ensino superior.

Levantamentos realizados pelo MEC sobre a situação do

Ensino Universitário, no Brasil, apresentam indicações de que Departamentos têm participado de estudos ou pesquisas para melhorar o processo de formação de seus profissionais. No entanto, observa-se que esse processo encontra-se em fase embrionária, se formos levar em conta o número de trabalhos desenvolvidos e o de pesquisadores em ação.

As unidades institucionais, de modo geral, parecem acomodadas por assumirem atitude especificamente técnica, desportiva ou biomédica, em relação ao aconselhamento e orientação tendo em vista facilidades de engajamento de seus futuros egressos. Ignoram, muitas vezes, as necessidades regionais e até mesmo o nível de ensino mantido pela instituição. Sem ressalvas, visto que nem sempre este último basta para adequar o profissional ao seu meio.

Nesta perspectiva, observa-se, ainda, pouca clareza com relação aos objetivos dos cursos, e não é difícil de se constatar o distanciamento do real social em que o mesmo se insere.

O envolvimento docente - discente na elaboração do planejamento de ensino (plano ou projeto) está distante de se tornar uma realidade, traduzindo não só o unidirecionamento de nossos cursos superiores mas também a visão fracionada de nossos docentes, muitas vezes temerosos de perder sua autoridade ou posto, ao se defrontar com alunos que manifestem conhecimentos além dos padrões usuais dos que adentram por nossas faculdades, de acordo com SNYDER (1978). Configurando áreas conflitantes, mas perceptíveis, geram certo desconforto em seu estudo e entendimento por envolverem conceitos divergentes como formação cultural, eficiência profissional, discernimento e conscientização. Entretanto, parece claro, que nem sempre os melhores profissionais ocupam os melhores postos. O descompromisso que daí advém, de-

sarticula a relação ensinar/pesquisar ao permitir que os outros participem destes universos. A preocupação com o desempenho técnico-desportivo é uma verdade nem sempre universalizada, mas torna-se uma constante em nosso ensino universitário, em especial na área em questão.

Aos que partem para uma pesquisa séria e conclusiva, nem todos os dados são revelados ou esboçados; desta forma, como em todo o universo científico, as grandes descobertas e comprovações demandam esforços desnecessários e um certo distanciamento daquilo que é teórico do que é prático, como se não fizessem parte de um mesmo conjunto. Atualmente, tal procedimento vem se tornando comum, dando à chamada Educação Física de vanguarda o maior interesse pela pesquisa e à tradicional o tão somente "executar para ter corpo são e mente sã"; desta forma, temos, segundo MARINHO (1980), dois grupos distintos de profissionais da Educação Física: um que estuda, pesquisa, publica, tenta alterações e outro que se fecha em sua quadra e valoriza, predominantemente, a prática esportiva.

Aos grandes centros de ensino e estudo do movimento, as chamadas "grandes faculdades", aportam professores interessados em pesquisar fenômenos que colocam a Educação Física como básica aos que iniciam o estudo ou nutrem interesse pelo movimento e suas manifestações. A luta pela contratação desses profissionais, entre uma e outra instituição, é evidente e as exigências das suas carreiras acadêmicas fazem com que as entidades aflorem no campo educacional com dados inovadores e até revolucionários. Mas ainda são poucas: UNESP, UNICAMP e USP em São Paulo e, talvez, UNAERP; U.E.R.J., U.F.R.J. e Gama Filho, no Rio de Janeiro; Santa Maria, no Rio Grande do Sul, são tidas como destaques, na área.

As escolas citadas são pioneiras em suas regiões e estados, em adoção de linhas de pesquisas e projetos inovadores da Educação Física Brasileira, sendo que em algumas áreas de conhecimento, acompanham "pari passu" o desenvolvimento do mundo científico.

O Perfil do Profissional Hoje Atuar

O que se vem sentindo, nas técnicas de ensino, é que, apesar de definições que garantem a flexibilidade de ação, nem sempre os planos curriculares são flexíveis ao ponto de permitirem uma retroalimentação e possível alteração no percurso escolar dos alunos ou mesmo na continuidade aproveitável dos conteúdos programáticos. As escolas superiores demoram a perceber a ineficiência de seu plano curricular ou mesmo a modificação constante de sua clientela ou ainda da comunidade a que serve. Com esse procedimento vemos turmas e turmas sendo formadas com o mesmo plano, conteúdo, estratégia, avaliação, como se a história não fosse suficiente para ajudar a sanar os erros já cometidos e auxiliar na elaboração do novo tempo.

Contatos com profissionais da área possibilitam conhecer comentários e/ou queixas procedentes, relativas ao pequeno número de professores qualificados para atuar no terceiro grau, e ao grande número de faculdades, para que se possa controlar o nível de ensino dos cursos. E mais, os que se aventuram por cursos de pós-graduação debatem-se, por sua vez, com professores pós-graduados em escolas, geralmente européias ou norte-americanas que, dada a formação obtida, não percebem a dificuldade básica da questão em nosso país: o lado político-social que acoberta nossa Educação Física Brasileira.

Entre 1980 e 1985, durante vários encontros e seminários mantidos pela SUEPT-SEED/MEC, pelas regiões norte e nordeste de nosso país, buscou-se avivar movimentos nacionais e atribuir maior ênfase ao estudo do homem regional, podendo se encontrar dados que evidenciam o desinteresse do professor universitário em deixar suas aulas e partir para cursos de pós-graduação, tanto devido a insuficiência dos seus vencimentos, quanto ao nível de exigências para tal empreendimento. Desta forma, o interesse pela extensão universitária ou especialização, da maneira como é entendida, atrai um maior número de docentes que atuam no terceiro grau de centros mais isolados. Além do que, é comum se ouvir que os Departamentos a que estão agregados esses docentes, não dispõem de elementos para avaliar o desempenho do corpo docente ou suas pesquisas.

Além disso, ao se considerar as formas de seleção de alunos para os cursos de Educação Física tem-se sempre a frente inúmeras dúvidas relativas a sua validade ou não. Os critérios, que são claros, não são evidentes: não se pretende atletas, mas se os candidatos não tiverem um determinado rendimento atlético considerado mínimo não são admitidos. O vestibular prático constitui um crivo seletivo, caprichoso e suficiente para barrar a entrada deste ou daquele candidato menos hábil, ainda que tenha se sobressaído nas avaliações teóricas gerais (Manuais de Instruções para Vestibulares, 1984, 1985, 1986). Mais ainda, dentro da instituição, tal situação tende a ser perpetuada a despeito do discurso, mesmo quando ele é educacional, social, biológico ou administrativo: a "execução perfeita" é uma meta a ser atingida.

Com isso, os alunos de alto poder de inteligência são afugentados de determinadas disciplinas, que não atingem suas

expectativas apesar de necessárias. Uma maioria, adepta ao movimento técnico-desportivo, busca fugir das ramificações sócio-educacionais ou bio-médicas. E pouco se faz para caminharmos equilibradamente. Dificilmente se vê um aluno de baixa qualidade intelectual acadêmica ser afastado do curso por um ou outro motivo; seu domínio psicomotor assegura sua promoção numa nova parte do curso e, desta forma, com certa maleabilidade, vencem-se os demais obstáculos. Basta que olhemos nos prontuários das Escolas, para que comprovemos a verdade destas palavras.

Se continuarmos nessa linha de pensamento, aos poucos vamos desanimando, ao deixarmos de vislumbrar meios e formas de atingirmos as saídas ideais e concretas para os problemas já existentes e que se originam desse próprio estado de coisas. Mas, nem tudo está tão perdido ou confuso. A pesquisa, nas escolas de Educação Física, como em qualquer outro instituto, é uma atividade que visa à descoberta do novo, é um instrumento de transformação social a serviço do homem, identificando a Universidade como uma instituição de investigação renovadora e crítica do próprio conhecimento humano acumulado. Isso implica na necessidade da existência de um corpo docente consagrado à pesquisa original e significativa, cumprindo o papel não só de refletir a realidade mas, principalmente de colaborar ativamente com o processo contínuo das transformações sociais. E para tanto, urge criarem-se as condições adequadas ao trabalho dos docentes-pesquisadores e incentivarem-se projetos de pesquisas que atendam, fundamentalmente, aos interesses de toda a sociedade e não apenas de parcelas minoritárias ou comprometidas somente com o processo de reprodução capitalista (CARNEVACCI, 1980).

O ensino tem um compromisso com a crítica e, disso a Educação Física não pode se esquivar: a faculdade cumprirá sua

função na medida em que qualificar o estudante para o desenvolvimento da atitude científica e do pensamento crítico, permitindo o acesso ao conhecimento acumulado, a formação de critérios necessários para a compreensão das principais teorias e pesquisas em sua área e, para a habilitação para o exercício profissional, o qual não deve se reduzir a uma ação tecnicista, mas a uma postura renovadora, comprometida, principalmente, com a situação dos setores tradicionalmente marginalizados na sociedade cultural brasileira. Para BERGER e LUCKMANN (1983) tais tarefas não se restringem, somente, aos docentes-pesquisadores; cabe às instituições criarem condições que possibilitem aos estudantes participarem ativamente desse processo, favorecendo a reflexão conjunta de todos os níveis funcionais envolvidos, mantendo os cursos sob constante questionamento.

Diante deste quadro é bom lembrarmos dos momentos históricos recém vividos: os longos anos de autoritarismo imposto à sociedade brasileira que deixaram como herança, entre outras coisas, uma profunda crise nas instituições. Principalmente naquelas que, por sua natureza, poderiam criar sérios empecilhos à realização dos interesses que passaram a controlar o país a partir de 1964. Dentre essas instituições destaca-se a Universidade, que por sua vocação crítica e transformadora, constituiu-se, muitas vezes, numa ameaça aos regimes ditatoriais. No entender de ALVES (1981), esses regimes procuraram sempre, por todas as formas possíveis, interferir na estrutura e no funcionamento da Universidade, impedindo, assim, o pleno desenvolvimento de sua vocação histórica.

Tal crise caracterizou-se basicamente, pelos esforços, de parte do Estado, para desviar a Universidade de suas funções permanentes, seja com medidas repressivas, seja com medidas bu

rocratizantes, através de uma política que tentou dirigir a sua ação unicamente em função dos interesses empresariais instalados no país.

E como ficou a Educação Física, nesse tempo? Ela contou com o apoio da ordem vigente, uma vez que proporcionava a formação do profissional que asseguraria a Ordem, o Respeito, a Obediência, e que não estaria se propondo a pensar em que tipo de ordem manteria, respeito a quem e por que. Foi uma situação tão evidente que, ainda hoje, temos dois centros avançados de estudos em Educação Física, mantidos pelas Polícia Militar de São Paulo e Exército Brasileiro-Forte da Urca, que dirigem seus alunos a uma formação técnica esmerada para continuar, ainda em seus ambientes, a manter a Ordem e a Obediência.

Aliás, já não é de hoje, também, que a Educação Física é vista como a atividade que melhor disciplina o corpo e a mente, levando seus alunos a um grau de sacrifício tal que, ao passar do tempo e, com suas repetições, terão seus corpos moldados - ou modelados - para uma determinada atividade, e seu pensar preparado para este tipo de conduta. Não está distante o tempo em que se consumia boa parte de uma aula de Educação Física com "Vozes de Comando" e "Ordem Unida", além de toda uma aula de ginástica calistênica, com seus movimentos sincronizados e bruscos, mas de ordem e disciplina (CODO e SENNE, 1985).

Quais são as escolas superiores que tentam um estudo sob esta atitude ainda vigente em nosso país? Quem se arvora ao direito de discutir ou tentar eliminar o caráter militarizante ainda em voga nas aulas de Educação Física? De onde vem o professor de prática esportiva que esqueceu-se da competição e da "Ordem" para educar livremente o movimento?

Como diria RUBEM ALVES, "que instituição permitirá

que se toquem cornetas para que se derrubem seus muros?" Nenhuma, nenhuma mesmo quer se colocar na dianteira do movimento inovador que busque não apenas a reestruturação curricular, tão pouco a reformulação dos conteúdos programáticos. E todas esperam, juntamente, que uma delas dê o primeiro passo.

A tentativa tem que se voltar ao re-descobrir o Homem que participa da Educação Física e de sua totalidade, em seu desenvolvimento equilibrado; o início de mudança nesta área, em especial, deve se voltar ao Homem que vive num corpo que se relaciona, se expressa, vibra, sofre repressões, cria e se movimenta.

Um corpo tão esquecido por todos, que até parece que não pensa! apenas Faz.

O Espaço em Perspectiva: A Busca de uma Nova Dimensão

Ao falarmos na formação do profissional na Educação Física, precisamos dirigir a atenção ao elemento a ser trabalhado por ele - o Homem livre, que lute por seus interesses, que seja ele próprio. É preciso que os tais profissionais se enquadrem como tal. Que vejam o abuso da técnica em detrimento do ser e do sentir e que, com suas experiências e conhecimentos consigam equilibrar suas ações e efeitos, na sociedade trabalhada.

Mesmo sem muito pensar, é sabido que a gama de atividades que pode ser desenvolvida por um profissional universitário da atividade física é tão grande, que não é possível imaginar, por maior que seja o rol de disciplinas no currículo, que ele possa formar um bom profissional que "vale tudo". Além disso, é preciso reconhecer que entre os que terminam um curso de Educação Física, uns preferem alguns tipos de atividade profis-

sional, enquanto outros, outras atividades. Ora, em qualquer curso universitário ramificações aparecem, em geral, do meio do curso para frente; será que só em Educação Física, temos que formar especialistas ou a especialização surge posteriormente à graduação? Poderíamos perguntar a um recém formado se ele se sente em condições de trabalhar com indivíduos portadores de deficiência física, com deficientes mentais, como professores de pré-escola, como recreacionista da 3ª idade, como técnico das equipes competitivas infantis, numa academia de ginástica ou luga ou judô etc. Será que a formação do técnico desportivo deve passar necessariamente pela formação do professor?

Não, mas a relação pedagógica será o elo da interação entre ele, o técnico, e seu atleta. Não será apenas uma relação instrucional.

Basta uma pequena reflexão sobre o fenômeno que é o esporte na sociedade de hoje e reconheceremos que tem pouco em comum com o esporte de 20 ou 10 anos atrás; e, poderíamos até questionar seu valor educacional da forma como vem sendo conduzido atualmente. Sem dúvida o esporte é um fenômeno social dos mais importantes dada a população que atinge, e precisa ser estudado como tal, não como um apêndice ou consequência de um bom programa de Educação Física. É preciso dar ao esporte o lugar que ele merece (OGLESBY, 1981). Quem pretende trabalhar com o esporte competitivo, hoje em dia, precisa entender de comunicação de massa (mídia), economia (propaganda e marketing, etc), computação, ou ter conhecimento, em um bom nível, de Fisiologia do Exercício, Biomecânica, Psicologia do Esporte se quiser trabalhar diretamente com o atleta. Não é a formação, fruto de algumas centenas de horas (360 nos cursos de especialização), além da licenciatura em Educação Física que vai formar este profissio

nal especializado. Se perguntássemos a um técnico, de nossas equipes vitoriosas nos últimos anos, quer de basquetebol, vólibol ou futebol, o quanto do conhecimento que aplica em seu trabalho foi adquirido em curso de formação de Educação Física e no curso de Técnica Desportiva, obteríamos dados que refletiriam o distanciamento existente entre os cursos de formação profissional e o conhecimento necessário, de fato, para a atuação profissional.

Da forma como a situação da formação profissional em Educação Física se encontra, os cursos oferecidos tendem a continuar formando um profissional que nem para trabalhar no ensino de 1º e 2º graus serve, pois sua formação não foi especificamente orientada para tal fim, quanto menos para outras áreas de atuação profissional. A justificativa de que quanto mais ampla sua formação, maior a probabilidade de obter um emprego, qualquer que seja, não é válida pois leva a formação de um profissional inseguro, incapaz e despreparado para ser um bom administrador de um clube ou academia (BAÑUELOS, 1986). Da mesma forma como enfocamos aqui o problema da formação do especialista no esporte, análise similar poderia ser feita quanto à recreação. Quanto à dança, já está se tornando uma realidade a formação específica nesta área, totalmente independente da Educação Física. Disciplinas comuns são encontradas nos dois cursos como é o caso da Fisiologia do Exercício, Biomecânica etc., uma vez que a formação profissional em Educação Física e em Dança se apoia nos conhecimentos referentes ao ser humano frente à atividade física. A diferença entre estes dois cursos aparece em todas as disciplinas que envolvem a finalidade da atividade física em si, as exigências quanto ao que e como é executado.

Se hoje o quadro atual reflete um posicionamento em

um extremo do contínuo generalista-especialista, sem dúvida o outro extremo é também bastante preocupante. Talvez, em primeiro momento, se possa pensar na formação de um profissional para a recreação, independente da formação profissional em Educação Física. Porém, se acreditarmos que a formação destes profissionais deva ser diferenciada, isto significará que acreditamos que exista um corpo de conhecimento que seja específico a cada uma destas áreas. Assim, paralelamente a essas profissões, se desenvolverá uma disciplina acadêmica que trará uma nova dimensão a estes fenômenos inerentes ao ser humano, em seu nicho ecológico.

"Meu objetivo é transformar o impossível em possível, o possível em fácil, o fácil em confortável, o confortável em belo. E o Belo em Infinito".

- MOSHE FELDENKRAIS -

CAPÍTULO II

A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: DA FEIÇÃO ATUAL ÀS ALTERNATIVAS POSSÍVEIS DA PRÁTICA ESPECÍFICA.

A Educação Física é discutida neste capítulo, ao buscarmos caracterizar esta atividade obrigatória nos currículos, centrando-nos, inicialmente, em elementos ou informações que podem explicitar a sua origem e utilidade, isto é, a que se deve e para que serve a disciplina na feição atual de sua prática escolar.

Como conhecedores que somos da gama de assuntos e aspectos que a disciplina Educação Física Escolar abrange, selecionamos, para consideração mais detida, algumas questões concernentes à situação específica dos inaptos e às atividades alternativas, em âmbito escolar, em razão de tentarmos, a partir de novas considerações, vislumbrar saídas para certos impasses, em que nos achamos hoje, como profissionais da área. E as apresentamos, sem a pretensão de solucionarmos todos os problemas existentes.

Com propósitos equivalentes, incluímos um breve estudo da rotatividade docente, principalmente pela implicação que este fato tem com os vários aspectos educacionais, apresentando-se, portanto, como tópico sobremaneira relevante para análise e reflexão sobre as ações do sistema, ao nível da escola.

A educação sistemática é uma das tarefas da escola e, para tanto, ela tem que se constituir num ambiente próprio para novas formas de relação. Para que tal relação se torne efetiva é preciso, primeiramente, a organização dos próprios alunos, já que são o centro do mundo circundante. A organização de que se fala, deve ter como critérios as necessidades básicas de adap

tação das crianças, principalmente daquelas que iniciam a vida escolar.

Será movimentando-se, manipulando objetos, deslocando-se, descobrindo seu corpo, que a criança perceberá e integrará conceitos, relacionamentos de espaço-tempo-forma, organizará seu esquema corporal, modificará hábitos e sentimentos.

É desta forma que a Escola fornecerá meios de relação imprescindíveis à integração grupal e ao necessário conhecimento do meio.

Sabemos que a leitura, a escrita e o cálculo são formas complexas de relação que a criança estabelecerá e que, se alguma falha ocorreu no período organizacional de seu desenvolvimento, ela encontrará grandes dificuldades durante as fases posteriores da escolaridade, tais como a lentidão, hiperatividade, dificuldades de escrita e de expressão oral, e pouca presença na realização de cálculos.

A partir desses dados notamos a importância vital de uma educação psicomotora da criança. O processo cognitivo do indivíduo, seja qual for a faixa etária, está ligado a uma função intelectual muito importante: a percepção. É graças a esta função que a relação entre o ser humano e o ambiente é estabelecida. Vale ressaltarmos que a percepção é a capacidade de recebermos e interpretarmos, os estímulos do mundo exterior do próprio corpo: podemos dizer que a percepção é a via de acesso ao conhecimento (cognição).

Acreditamos que o trabalho escolar da Educação Física deva ter, como ponto de partida, a percepção do próprio corpo. Observamos que o indivíduo organiza, lenta e progressivamente, a percepção de si próprio, de seu corpo, de suas emoções, de suas necessidades. É ao redor de seu corpo, e em função dele, que o

espaço se estrutura, os objetivos tomam formas e dimensões e as sequências temporais se estabelecem.

Ao se levar em conta essas proposições, surgem abordagens tais que considerando a educação do corpo em movimento como ponto de partida, pré-requisito de todas as futuras aquisições de aprendizagem, não se pode permitir que tão relevante distinção ocorra por meio de um elenco de ações não relacionadas, sem objetivos claros, desagregados de intenções que, se não impossibilitam, tornam meramente ocasional ao alcance das metas reais e finais (C.E.N.P., 1983).

Finalidades e Objetivos da Educação Física Escolar

Temos conhecimento de que a Educação se inicia com o nascimento do indivíduo, prolongando-se pela sua existência, evidenciando e desenvolvendo capacidades físicas, mentais e sociais, por meio de mudanças mais ou menos perceptíveis, de conformidade com os diferentes ritmos do desenvolvimento bio-psicofisiológico.

Sabemos mais: a vida é movimento, o gesto humano é uma das principais formas de manifestarmos nossa força expressiva e, por consequência, de nos comunicarmos com nossos semelhantes e com o meio em que vivemos, como já abordamos, de certa maneira anteriormente. A realização de atividades motoras favorece o desenvolvimento somático e funcional, além de estimular e desenvolver as funções psíquicas. É por esta razão que dizemos que a educação do corpo é um fator de equilíbrio orgânico, mesmo quando a reduzimos a funções restritas de pré-requisito de aprendizagens ou desenvolvimentos subsequentes, como ocorre em distorções usualmente manifestas.

Há, na verdade, uma ligação estreita entre a Educação e a Educação Física, uma vez que esta última diz respeito à atividade psicomotora que caracteriza o Homem, quer seja numa atividade recreativa ou desportiva, quer seja em sua ocupação diária.

A Educação Física, independente de suas funções específicas, corresponde, por exemplo, a atividades musculares controlada, regida por princípios, métodos e objetivos definidos, que se originam no desenvolvimento morfo-funcional e vão até a manutenção do equilíbrio homeostático do indivíduo adulto. Além disso, ainda nesta perspectiva, pode corresponder à readaptação orgânico-funcional do homem doente ou deficiente físico por sequelas traumáticas. Sua aplicação serve, em quaisquer dos enfoques, de maneira decisiva e vital para a educação global do indivíduo. (KAGAN, 1982).

Podemos conceber ou caracterizar a Educação Física Escolar como o conjunto de atividades físicas, metódicas e racionais, que se integram ao processo de educação global, visando o pleno desenvolvimento do aparelho locomotor, bem como ao desenvolvimento normal das grandes funções vitais e um melhor relacionamento social. Cabe a ela grande parte da estimulação do desenvolvimento de capacidades perceptivo-motoras e de capacidades físicas, através de experiências motoras oferecidas em ambiente escolar propício e organizado de acordo com as características de crescimento e desenvolvimento dos envolvidos no processo educacional (TANI, 1988).

Se estabelecermos essas relações necessárias, parece ficar claro que nenhum processo educacional pode ser considerado completo se não disser respeito, também e igualmente, ao desenvolvimento físico, que durante a escolarização irá implicar

planos biológicos, psicológicos, sociais e morais, através das atividades formativo-corporais.

É de valor explicitarmos que a Educação Física Escolar tem a finalidade de contribuir para a Educação Integral da criança, através de prática da atividade física racional e variada, de acordo com seu desenvolvimento. Seu objetivo, enquanto disciplina do currículo escolar, deve ser o de estimular e ampliar a capacidade de expressão individual, por meio de movimentos criativos; favorecer a sociabilização; contribuir para a aquisição e manutenção de hábitos higiênicos; propiciar o desenvolvimento de qualidades físicas, objetivando a adaptação orgânica ao esforço físico; estimular e desenvolver aptidões perceptivas como meio de desenvolvimento e ajustamento do comportamento psicomotor.

Considerações Sobre a Educação Física Escolar

Pelo que já apresentamos acima, parece claro que a contribuição da Educação Física na formação integral do indivíduo é expressiva pelas possibilidades que proporciona para o desenvolvimento físico, mental e sócio-emocional. A busca desta contribuição é, por conseguinte, meta do educador que, através de criteriosa investigação, identifica as necessidades do educando e analisa sua capacidade de aprendizagem. Sabemos que a escola não existe apenas para transmitir conhecimentos, mas também para promover a integração do educando num meio social e, para isso, a Educação Física Escolar pode contribuir, com ações decididas, efetivas que resultam em bastante eficiência e eficácia.

Mesmo sem dimensioná-la propriamente, o sistema de ensino evidencia a importância da Educação Física, ao estabelecer sua prática desde a primeira série do primeiro grau, bem como

ao considerar formalmente, aspectos específicos para cada fase da escolaridade na qual é imprescindível a sua prática. Os programas, de modo geral, buscam consistência, em suas orientações oficiais, que visam aplicações de acordo com o nível de desenvolvimento da clientela envolvida e que tendem, pelo que se declara, a despertar o interesse permanente pela prática da atividade física e do desporto, como importantes meios de formação. Estaríamos, assim, supondo rigor nas operacionalizações, aplicando estratégias diferenciadas a grupos diferenciados, preocupando-nos com o grau de crescimento e desenvolvimento do aluno e de seu grupo social escolar, em atividades cuja solicitação do corpo e/ou do movimento se diferenciasssem progressivamente.

Partindo-se da premissa, adotada por inúmeros profissionais, de que a Educação Física, na escola, deve também ser um dos elementos de estímulo para a integração das diversas áreas de estudo, precisamos, antes de iniciarmos uma atividade prática, conhecer a filosofia educacional da unidade escolar em questão, bem como conhecer seus objetivos, donde partiremos para os objetivos do trabalho pedagógico, a que se propõe a Educação Física Escolar. Em quaisquer das posições hoje encontradas, contudo, há a premente necessidade de percebermos que a Educação Física, através de jogos e atividades naturais, tais como o correr, saltar, lançar e equilibrar, não se limita a auxílios secundários ou primários, de primeira ou de segunda ordem, na memorização, fixação ou na recordação de outras áreas de estudo, posto que ela tem uma meta definida, uma proposta a ser alcançada, explicitamente em seu âmbito próprio, independente de correlações (HUIZINGA, 1971).

Objetivos como o desenvolvimento das qualidades físicas, do espírito de observação e colaboração, bem como a melho-

ra das funções psicomotoras e a integração do educando ao meio social poderão estar, igualmente, sendo observados, se há possibilidade escolar de realização de ações integradas, ou pelo menos articuladas. O professor de Educação Física, dada a possibilidade de um permanente contato com os demais professores da unidade escolar, sem dúvida poderá organizar suas aulas observando todos os detalhes que fornecerão elementos que favorecem uma melhor retenção da aprendizagem, sem que isto ocorra distorcivamente e sem, no entanto, fugir aos objetivos inerentes à sua disciplina (C.E.N.P. - D.R.E.CAMP., 1985).

Há outra questão similar que se faz necessário desvelar, como fizemos anteriormente, e que são relativas à natureza dos recursos materiais específicos da Educação Física e suas possibilidades de substituição em situações de uso cotidiano na escola. Durante longo período de nossa história, principalmente entre 1967 e 1980, com a propagação das campanhas do "Esporte para Todos" através do Ministério da Educação e Cultura, foi difundido o conceito de criatividade, de maneira tal que era considerado criativo e bom professor seria aquele que lançasse mãos de recursos alternativos, para suprir as deficiências materiais de suas escolas. Essa compensação distorcida e extrapolação de função foi chamada de "criatividade".

Convém nos determos na consideração dessa concepção, trabalhada com o entusiasmo de alguns, uma vez que a chamada "pedagogia da escassez" nada mais faz do que colocar o docente que lida com falta de recursos materiais, em esforços e tentativas de utilização paliativa dos materiais básicos e necessários ao ensino formal, em termos de substituições precárias. Utilizar uma lata fixa sobre uma cadeira, para substituir uma tabela de basquetebol não é criatividade, se não conformismo em situa-

ção de flagrante subestimação da educação e do próprio povo que os alunos representam.

Ser criativo implica identificação de fatores e processos que levam as pessoas a uma ação diferenciadora e inovadora (CRATY, 1986). O uso paliativo com propósito de adequação de um material não demonstra quaisquer aspectos que possam estar relacionados à criatividade mas à improvisação, ao "quebra galho" incluído como processo rotineiro e supostamente válido. Além disso não podemos deixar de temer pela acomodação do profissional que, "adequando" materiais em um país em que o temporário e ocasional passam a ser definitivo e cotidiano, desiste de lutar pelos recursos materiais obrigatórios que devem ser anualmente fornecidos às escolas pelas secretarias de Estado por elas responsáveis.

A Rotatividade Docente

Às questões que merecem consideração e estudo por parte dos profissionais da Educação Física, algumas das quais abordamos no presente trabalho, enfrenta-se, com alta frequência, a questão adicional relativa à rotatividade do professor /orientador das atividades escolares na âmbito da Educação Física . Queremos nos referir especificamente à questão ou aos problemas que advêm do tipo de organização do sistema de ensino, no que diz respeito à vinculação e manutenção de professores a uma escola e em certas turmas, pelo menos por um período mínimo correspondente a um semestre letivo.

Apesar de não se apresentar como um problema exclusivo da Educação Física Escolar, mas também desta disciplina e, de, além disso, sua solução não depender de quaisquer ações dos

profissionais da área, a questão da rotatividade docente, afeta em demasia o processo que vem a ser deflagrado pela disciplina, nos vários graus de ensino. Assim é que a submissão a normas e deliberações gerais concernentes à estrutura e ao funcionamento geral do ensino, ocasiona ou resulta em sérios entraves para o desenvolvimento da Educação Física Escolar, especialmente se levarmos em conta, no caso, os níveis de ocorrência do "fenômeno" da rotatividade.

Vemos esta situação em dois níveis: a) no nível da rotatividade de direito, isto é, aquela em que os professores efetivos no seu cargo, dada a condição de efetividade, adquirem o direito incontestável de buscar remanejamento de escola, de período ou de turmas, tendo em vista melhores acomodações, maiores facilidades ou mesmo por outros motivos particulares. Mas explicitamente, o direito adquirido por serem concursados e empossados em cargos públicos faculta ao profissional trocar de escola, tantas vezes quanto possam surgir vagas pretendidas, implicando mudança de sede de exercício profissional; b) no nível de rotatividade "compulsória", frequente após a realização de concursos públicos quer para efetivação no cargo ou remoção, de profissionais engajados no sistema a título precário ou em caráter temporário. Isto acontece, uma vez que o docente precariamente contratado pode ser afastado de seu posto, que passa a ser assumido pelo novo "efetivo da casa". Especialmente no estado de São Paulo, as remoções acontecem anualmente e, com frequência, chegam a ser duas por ano. Assim é que a cada início de ano vemos, invariavelmente, o desalojar de profissionais que perdem suas aulas por esse e por outros motivos, como ampliação de jornada ou diminuição de alunos. Contudo, as situações mais graves, ocorrem no curso do período letivo, pois que tal fato possibili

ta, via de regra, quebra da continuidade do processo ensino-aprendizagem, uma vez que o docente, que assume aula já iniciada, ou o processo em andamento, não tem a obrigação de se utilizar do mesmo programa, de partilhar da mesma orientação ou de manter a mesma metodologia de ensino do professor anterior.

Não é nosso propósito, no entanto, contestar o direito docente, especialmente nesses casos, mas chamar a atenção para a interferência desastrosa da sua utilização indiscriminada nas situações de ensino, ocasionando ruptura, desarticulação e mesmo desbaratamento do processo (quando existe), ou das atividades previstas para os alunos de uma determinada classe, turma ou escola. Acreditamos que grande parte do desgaste usualmente sofrido, entre os alunos, pela Educação Física Escolar enquanto disciplina, advém, com certeza, das mudanças repetidas e frequentes de professores numa mesma turma e num mesmo semestre, o que deixa de ser raro.

Não podemos deixar de considerar, ressaltando o direito dos docentes, que, na escola, não se pode substituir o processo educativo, deixar de valorizar a interação professor-aluno, preocupação programática de atividades discentes, um currículo definido e o conjunto de alunos em formação, em função dos quais limites ou condições mínimas precisam ser estabelecidas. Toda mudança, principalmente no decorrer de um processo, exige retomada de idéias e muita perspicácia para garantia de continuidade do processo, salvaguardando o essencial. Se assim for, a mudança do docente no curso do processo educativo, do processo ensino-aprendizagem deveria exigir muito mais.

Na situação específica da Educação Física Escolar, em que se trabalha com a prática da atividade física, de acordo com o desenvolvimento da clientela, objetivando capacidades expres-

sivas, melhoria de qualidades físicas e estímulos das aptidões perceptuais, qualquer alteração no processo ensino-aprendizagem precisa ser melhor estudada, quaisquer que sejam os motivos.

Os Inaptos na Educação Física Escolar

No dia-a-dia do professor de Educação Física há outro ponto de tensão igualmente não resolvido: alunos que não participam das aulas. O que é feito das crianças menos hábeis, ou deficientes físicos em relação à Educação Física que, por força de expressão, talvez dela precisem mais que os outros? Em primeiro lugar precisamos considerar que há mecanismo legais vigentes, como o atestado médico, que valem dispensas - à despeito de quaisquer análises do ponto de vista pedagógico ou educacional, tanto quanto independentemente da orientação ou da prática proposta na Educação Física - apressadas, para tais casos, da prática efetiva da atividade física de aula. Esses mecanismos têm poder de dispensa de atividades, contudo seus portadores deveriam estar presentes à aula, por maior que seja a contradição que se possa perceber.

Os chamados, por suposição, "inaptos" para as atividades físicas de caráter educativo, que têm lugar nas aulas de Educação Física, são assim considerados, na melhor das hipóteses, do ponto de vista clínico geral, que não conhece, reconhece ou atribui importância quer aos objetivos da disciplina quer a metodologia passível de utilização, nos mais diversos casos, pelo profissional de Educação Física Escolar. A deterioração histórica dos métodos e das atividades parece favorecer a visão estereotipada e restrita da Educação Física e, talvez, chegue a acentuar certos matizes negativos, certos ranços remanescentes, hoje dis

torsivos, relativos à desconsideração das condições do indivíduos, à imposição de limites externos aos sujeitos, como se a solici- tação ou exigência de esforço máximo sem propósito individual, des- cabido (irracional até!), continuasse a ser a tônica do que é u- sualmente (ou poderia ser) desenvolvido pela disciplina no âmbi- to escolar.

Excluem-se de quaisquer atividades físicas na escola, com base em pressupostos já descartados, os paraplégicos, hemi- plégicos, atrofiados, brônquicos, cardíacos, disrítmicos, estrá- bicos e outros, sem que se tenha conhecimento da prática do pro- fessor, e sem que se admita a possibilidade de realização de ati- vidades que venham a envolver essa clientela diferenciada, que a auxilie, contribuindo para que tenha a percepção de seus limi- tes e possibilidades, para que conheça as melhores formas de exer- citação e, mais que tudo, para que se integre, junto aos seus pares, ao meio social do qual fazem parte.

Ao grupo que não se assemelha à maioria da clientela escolar, o atestado médico parece "premiar" com a dispensa "ad eternum" das atividades físicas escolares e do convívio com os super-atletas.

Quando se tem como finalidade a contribuição para a Educação Integral, através da prática da atividade física, ra- cional e variada, de acordo com o desenvolvimento do sujeito , não se está visando apenas uma geração caracterizada pelo citius, altius, fortius, posto que há, ainda, outros fins relevantes e consideráveis, como o estímulo e ampliação da capacidade de ex- pressão individual, por meio de movimentos criativos na perspec- tiva de finalidades que, para sua atincção, se fazem necessárias estratégias diversificadas, potencialmente adequáveis a todos os contingentes escolares. Reconhecemos ser mais fácil ou côm-

do dispensar os elementos que se diferenciam do grupo, pois estes exigem, como hoje se sabe, conteúdo específico, também diferenciado, melhor elaborado, mais adequado às suas necessidades individuais do que à massa comum executante. É neste sentido, buscando a redimensão da prática nos termos referidos, que as correntes desenvolvimentistas atuais já propõem um outro tipo de prática escolar através da Educação Psicomotora ou Psicomotriz.

Situados nesse âmbito, encontramos os estudos, e suas aplicações, de ANDRÉ LAPIERRE (1985), que apresentam experiências de educação psicomotora, dirigidas por ele e uma pequena equipe pedagógica. Seus objetivos são os da psicomotricidade: descoberta de seu próprio corpo, sua capacidade na execução do movimento, descoberta dos outros e do meio ambiente. As possibilidades do corpo, segundo LAPIERRE, são mal conhecidas pelas crianças, a estrutura corporal ainda é imprecisa, elas mal se comunicam com as outras, pelas suas próprias limitações físicas. Com base nestes pressupostos, busca-se induzir o educando no movimento, no gosto pela atividade corporal, no prazer extraído dos jogos com objetivos e, finalmente, no contato com os outros, como forma de empreendimento educativo. Cada sessão, de acordo com LAPIERRE, apoia-se num objeto simples, que se encontra em todas as escolas, tais como bola, corda, banco. Mas nada é previsto para o aluno. No início, o professor observa o que as crianças, espontaneamente, fazem com os objetos. E, a partir daí, o educador encoraja, sugere, desperta o interesse, enriquece o movimento. Mas, principalmente, preocupa-se em levar crianças a considerarem umas as outras no que fazem, a se procurarem como parceiras de jogos variados, buscando a socialização.

O professor usa a fala: importa que sua linguagem se-

ja assimilada pouco a pouco e, para tanto, deve ser tão precisa quanto possível para que os alunos compreendam a mensagem, relativa à situação vivida por eles, que os convida a agir onde se encontram.

Tais alunos, que seriam, para nós, os portadores usuais de atestados médicos, desenvolvem atividades físicas adequadas, na medida em que criam situações, reproduzem as situações criadas e incentivadas durante as sessões psicomotrizes, cujo procedimento pode ser seguido por cada um e cada qual considerando-se as próprias possibilidades. ANDRÉ LAPIERRE (1985) mostra que podemos levar todas as crianças à ação, adaptando-nos às suas invenções e orientando-nos, a partir daí, para conduzi-las a novas realizações.

Os aspectos concernentes à pseudo-incapacidade para quaisquer atividades na Educação Física Escolar precisam ser tomados a sério, tanto quanto as buscas de superação das contradições que se instalam nas ações, advindas das formas enganosas de consideração dos educandos nessa categoria, usualmente adotadas. A criança geralmente apresenta um atestado médico e se ausenta, ou, na melhor das hipóteses, fica fora de demonstrações mais arrojadas. Sem um tratamento adequado, como o proposto pela Educação Psicomotora, considerado anteriormente, serão diferenciadas negativamente e excluídas do convívio em grupo.

Articulado, concreta ou aparentemente com as preocupações relativas ao físico, ao desenvolvimento motor, observamos, com frequência, no planejamento, um discurso sobre o social, o comum e o humano, em projeções didático-pedagógicas de escolas de primeiro e segundo graus; esse discurso, no entanto, vem desvinculado da realidade vivida nas unidades escolares. Quando percebemos que o aluno, portador de atestado médico, é sumariamen-

te eliminado das listagens da Educação Física Escolar, sem se pensar ou tentar engajá-lo em quaisquer formas de ação, em turmas comuns ou "diferenciadas", parece explícito que se descarta grande parte da preocupação com o social, o psicológico ou o "espiritual" a que se faz alusões nos projetos de ensino. Na configuração do descarte, se esses aspectos são facilmente esquecidos, a preocupação manifesta formalmente, dadas as evidências, era falsa.

Na consideração das consequências de ações e posições como essas que aqui abordamos, vale destacar os momentos de incomunicabilidade, quando se obstrui a interação, se provoca a ruptura e se torna patente a distância entre o educador e o educando diferenciado negativamente. Cada um passa a usar uma linguagem própria - verbal ou não-verbal - sem atenção ou direção aparente para o interlocutor. Atribui-se, necessariamente, um significado angustiante ao mundo, tanto pelo professor quanto pelo aluno portador de uma deficiência: cada um desenvolverá suas próprias defesas diante do que considera agressões. Veladas, expressas ou simbólicas.

E mais, a própria disciplina Educação Física Escolar, praticada como se nos apresenta na distorção quotidiana, é uma agressão à criança inadaptada aos sistemas presentes. Por este motivo, vemos reações de alunos inaptos - quando presentes mas alijados de atividades propostas - os quais tentam remover suas dificuldades cortando a escuta, fechando-se num mundo de sonhos ou de fantasias (DESTROSPER, 1986). Às vezes aceita seu estatuto de incapacitado e chega até se orgulhar dele; ou, ainda, de forma a reagir com mais ou menos violência à situação de fracasso e à não-aceitação de seu fracasso diante do adulto, passa a desenvolver atitudes e comportamentos tidos como perturbadores

(VAYER, 1985). Acreditamos que essa não-compreensão da linguagem atitudinal do aluno inapto à atividade física padronizada vem a ser causa de desmoralização do professor de Educação Física, configurada pela sua impotência para a ação educativa, ocasionada pelo desconhecimento de tais formas de expressão, ou pelo despreparo para lidar com aluno em tais situações.

Insistimos que a função motora, o desenvolvimento intelectual e o desenvolvimento afetivo são dependentes do tipo de interação professor-aluno, na aula de Educação Física Escolar, quando, na interação estabelecida, importa se o aluno é hábil ou não, deficiente ou não. Mas, para que se possa desenvolver interação positiva, em todos os aspectos, há a necessidade de cada educador repensar as finalidades, objetivos de sua ação e suas próprias propostas de trabalho. (AUCOUTURIER e LAPIERRE, 1987).

Parece válido analisar, ainda, dado o contexto de uma situação que impõe como essencial o rendimento nos exercícios físicos, a idéia do atleta ou aluno-padrão, que pode se fazer observada em escolas, de quaisquer níveis.

O aluno, desde o 1º grau até a conclusão do curso superior, precisa cumprir certas exigências padronizadas para fazer a Educação Física. A idéia padrão não é muito evidente a partir dos alunos, mas ela se torna clara através do padrão de movimentos e através dos critérios de dispensa da disciplina, a que todos estão submetidos.

Em relação à dispensa os casos são menos frequentes no 1º e 2º graus. Os alunos dispensados estão definidos pelo Decreto-lei 69.450/71 na seguinte ordem: militares; alunos com problemas de saúde, em especial deformidade física; alunos de cursos noturnos e com jornada de trabalho de no mínimo 6 horas; alunos com idade superior de 30 anos; e aluna com prole. Convém

observar que todos os alunos dispensados são capazes de movimentos e de exercícios físicos, por isso poderiam fazer Educação Física, mas, ficam excluídos, porque a Educação Física já definiu o seu conjunto de exercícios, e se impõem certas características aos movimentos, praticamente sem atribuir qualquer valor ao aspecto teórico, que poderia e deveria ser desenvolvido igualmente, a grisa de orientação educativa, nesses casos.

Atividades Alternativas e a Educação Física Escolar

As atividades apresentadas como alternativas na Educação Física Escolar são, via de regra, conhecidas, consideradas boas mas impraticáveis, por motivos tais como: falta de espaço próprio, maior conhecimento da atividade proposta por parte do profissional escolar, interesse imediato dos alunos seguido de posterior descaso e interferências externas. É por isso que se deixa de usar a expressão corporal, a bioenergética, a dramatização, e de praticar o caratê, a natação, em aulas no 1º e 2º graus. Deslocam-se, em contrapartida, do âmbito escolar; aceita-se, tacitamente, que as academias existentes assumam a responsabilidade de trabalhar as formas alternativas. Assim, o professor de Educação Física indica e recomenda as academias, como se estas outras instâncias de prática de atividades físicas não fizesse parte de seu universo de trabalho, ou como se as ações que nelas são desenvolvidas não se situassem na sua esfera de competência profissional.

É interessante nos determos nesse fato, que é singular e de difícil compreensão: o licenciado em Educação Física, ao assumir uma de suas frentes profissionais passa a ignorar as demais outras, como se a formação recebida o levasse a um único

caminho. E mais, parece não haver preocupação com possibilidades funcionais, também alternativas, que possam vir a interessá-lo. Este profissional, estando empregado numa escola ou clube, limita, de modo geral, as suas ações e, mesmo seus interesses, restringindo-se às atividades monocórdicas que constituem sua forma de atuação presente, isto é, aquilo que hoje o mantém envolvido e o interessa. Sendo assim, a visão do conjunto sócio-profissional se perde, pela redução ou pela fragmentação, e não se retoma quando da abordagem de problemas gerais, e até de outros específicos, ou quando se buscam saídas. Em outras situações, encontra-se este mesmo profissional, por razões no mais das vezes fundadas em modismos, buscando outras formas de atuação profissional, não situadas no âmbito de seu exercício dada a ausência de habilitação específica; mesmo assim passa a exercê-las como se fosse "expert" no setor, sem o cuidado de analisar objetivos e/ou efeitos de seus trabalhos. É esta a forma de atuação, muito comum, dos que se aventuram na orientação da prática de natação para bebês, sem conhecer necessariamente suficientemente o assunto, ou de ginástica para cardíacos, sem saber o que realmente se pode ou não propor, como exemplos.

Possíveis Saídas para a Educação Física Escolar

Notamos que são muitos os profissionais que se recusam a aceitar a Educação Física, ainda hoje, como a simples repetição mecânica de rotinas, exercícios e práticas e, que alguns destes têm iniciado debates, pesquisas em torno de questões que afetam profundamente a área. A formação deficiente dos profissionais, causada pela inadequação dos currículos das faculdades, em sua maioria tecnicistas e por demais globalizantes; o despreparo

dos profissionais para atuarem em pré-escolas, escolas de 1º e 2º graus, em planejamento, em reabilitação etc., a ausência de uma ética profissional capaz de garantir certos parâmetros valorativos de qualidade da atuação profissional; um mercado de trabalho que, embora vasto, não se configura para o profissional nem em termos de condições de trabalho à altura, nem de salários condizentes com o tipo de atuação requerendo, o descompromisso do profissional com os resultados de seu trabalho na sociedade e, com a sua própria forma de ação na sociedade, são alguns dos problemas que nos afetam, quando analisamos a situação, especialmente da Educação Física Escolar.

Tais problemas são percebidos pelos profissionais da área que não acreditam no mecanicismo e que, embora convivam diariamente com estes, têm dificuldades para sensibilizar os demais do quadro profissional e levá-los a fazer uma análise crítica da realidade em que atuam e vivem.

É neste sentido que trazemos alguns pontos para reflexão inicial, em busca de algumas das possíveis saídas:

1. Identificação ou caracterização dos reais problemas da Educação Física: isto implica no conhecimento e, subsequente, enfrentamento dos problemas existentes, pela busca de alternativas de solução. Várias indagações tornam-se frequentes e são relativas à insistência de alguns em privilegiar o trabalho intelectual em detrimento do físico; à adoção de metodologias de treinamento, consideradas de alto nível, em iniciações esportivas, ou ao conhecimento da legislação, dentre outras.
2. Definição das bases epistemológicas da Educação Física, sobre as quais se fundamenta a orientação de todas as atividades, mormente as escolares; no âmbito da disciplina: todas as atividades físicas têm como base o movimento humano, fora do trabalho

produtivo. Ocorre que o movimento humano não pode ser considerado, em contrapartida, como um fim em si mesmo, precisa ser relacionado, em planos mais gerais, aos fundamentos políticos-filosóficos, sócio-educacionais e econômicos necessários para a reorientação da ação educativa na nossa sociedade.

3. Configuração da necessidade do profissional vincular-se, decididamente ao plano social, de forma tal que lhe permita localizar-se e explicitar, em termos de sua ação, a quem e a que serve (compromisso político). Esta configuração se dará, ao profissional, através de reciclagens e, ao aluno dos cursos de Educação Física através da própria organização curricular, em disciplinas que se propõem a desenvolver os referidos conteúdos.

4. Adoção efetiva de novas formas de abordagem - em nível acadêmico e no cotidiano - das questões relativas ao desenvolvimento motor, que levem a mudanças de visão e/ou de mentalidade, uma vez que tais formas assumam um caráter processual, relacional, abandonando a abordagem reducionista usual. Que se tente, nesta perspectiva, na formação e na ação profissional, considerar, o homem em movimento como um todo, num processo contínuo e interacional do desenvolvimento físico, cognitivo e afetivo, bem como num processo amplo, considerando-se sobretudo o aproveitamento e a adequação de experiências vividas na Educação Física, em outros aspectos de sua própria vida.

5. Esclarecimento aos profissionais e a população-alvo - desenhando entre professores, alunos e pais uma grande rede informativa, no sentido de esclarecer e difundir o valor educativo da Educação Física Escolar, sua aplicação para a sociedade moderna, as várias formas que assume no ambiente escolar: jogos, dança, lutas, competições, recreação. Esta difusão será realizada através de ações escolares efetivas, em todos os níveis, com parti-

cipação direta do professor de Educação Física, ou ainda através de campanhas comunitárias ou uso de slogans redimensionados, que busquem envolver o tema em questão, sua aplicação , real objetivo e formas possíveis de engajamento.

"É o esporte um fim ou um meio
em si mesmo?"

- SANDRA SALOMÃO CARVALHO -

CAPÍTULO III

A EDUCAÇÃO FÍSICA COMPETITIVA: DO SIGNIFICADO DA COMPETIÇÃO ÀS REPERCUSSÕES NA PRÁTICA EDUCATIVA

Competir parece ser, em qualquer tempo ou situação, uma tendência humana, constituindo-se, com frequência, numa causa apaixonante, para a maioria dos homens. Talvez por razões como essa, a Educação Física - na feição competitiva que chega a qualificá-la - se apresenta como uma disciplina que predispõe os alunos à luta, isto é, ao desafio para mensuração de forças, com paração de poder ou de destrezas, quando trata de adestrá-los física, técnica e taticamente, deixando-os, no entanto vulneráveis em vários outros aspectos.

Para abordar alguns dos aspectos da competição, por si ou por suas consequências, bem como certas questões relativas à Educação Física Competitiva, buscamos incluir este capítulo no presente estudo.

A partir de uma breve recuperação de traços históricos para esclarecer como a Educação Física caminhou até nossos dias, tentamos dar a perceber a força da competição, em termos da própria idéia, e em relações com as práticas quotidianas, para o profissional da área; matizes da competição como descarga energética são trazidos à consideração, após o que, buscamos o entendimento de situações que, ao nosso ver, são de relevante importância para a compreensão da Educação Física Competitiva. Referimo-nos aos aspectos que se prendem à criação, presença e manutenção de mitos, assim como aqueles que contribuem para a configuração do profissionalismo oculto ou, ainda, para fortalecer o nível propagandístico das unidades escolares. Por último, mas

sem intenção de subestimar, consideramos o valor educativo do jogo e o "jogo" apregoadado em competições.

Ao final das considerações analíticas deste capítulo, ressaltamos a importância de uma Educação do Movimento, para a conscientização corporal do aprendiz e do educador, como uma nova tendência que já se faz sentir, não só presente, mas forte.

Tendo em vista que a idéia de competição é acompanhada por estratégias adequadas para se atingir a vitória, é que entendemos, como GRIFFIN (1983), a Educação Física Competitiva como um processo que envolve a comparação de "performances" entre indivíduos, entre grupos, ou entre o indivíduo e o grupo. Além disso, estes padrões de "performance" não são comparados em função de qualquer pessoa ou grupo, mas de uma pessoa ou grupo já selecionados. Desta maneira, percebemos que tais indivíduos selecionados passam a determinar, numa sociedade, a importância da competição em si.

Estudar esse assunto no contexto escolar implica conhecimento de dados que se prendem a legislação e regimentos de escolas, contudo, na realidade das escolas oficiais paulistas, temos um quadro característico que possibilita e favorece a existência das chamadas "turmas de treinamento".

A diferença entre estas turmas e as turmas de Educação Física Escolar está no fato de que, deliberadamente em função de suas aptidões ou habilidades, os elementos integrantes da primeira turma serão treinados para atingir a "performance" numa determinada modalidade, enquanto que na segunda, os alunos deverão desenvolver atividades pluridirecionadas às várias modalidades e às diversas formas de movimento.

Na Educação Física Competitiva os pais, professores e companheiros de equipe constituem o meio social que traçará os

padrões usuais para o embate, que estabelecerá o processo comparativo e que determinará as consequências do confronto entre elementos.

Sentimos necessidade do conhecimento histórico da Educação Física, para podermos desenvolver alguns conceitos de importância nessa faixa profissional de atuação docente, que é a Competição Escolar. Para tanto, buscamos subsídios nos estudos de FARIA JUNIOR (1987), GHIRALDELLI (1987) e OLIVEIRA (1987), para explicitar, no nosso estudo, tendências gerais da Educação Física Brasileira, em tópico específico que apresentamos a seguir.

Tendências Gerais da Educação Física Brasileira: à Guisa de Recuperação Histórica

Qualquer observador constata o surgimento de núcleos de estudiosos, empenhados na redefinição de temas, objetivos e estratégias da Educação Física e, em especial, no redimensionamento da função da Educação Física na sociedade brasileira.

Os debates abrangem todos os aspectos, indo da prática às quadras, ao ginásios e campos e, até à implantação dos cursos de pós-graduação no país.

Sabemos que essas discussões são reflexos de um movimento social maior, que envolveu o país, de modo geral, a partir do abrandamento da repressão instalada pela ditadura militar. Esse mesmo movimento se fortaleceu pelo maior apoio recebido após a anistia e as eleições diretas para governadores de estados, em 1982 (GHIRALDELLI, 1987).

É expressiva a força das marcas do nosso passado histórico em nossas vidas. De cada uma das tendências anteriormen-

te vividas, temos marcas profundas, das quais sentimos não poder nos desvencilhar. Precisamos ser cautelosos com relação à periodicidade das tais tendências, levando em conta a incorporação de dados de uma pela outra. Assim, de acordo com CABRAL (in OLIVEIRA, 1987) e, em consonância com outros estudiosos, abordaremos, em primeiro lugar, a Educação Física Higienista, cuja tendência se caracteriza pela insistência em afirmar atividades físicas assim qualificadas (higienistas), como capazes de garantir a obtenção e auxiliar na manutenção da saúde do homem em movimento. É uma tendência portanto, que objetivava a formação de cidadãos dispostos, fortes e com hábitos disciplinados, afastados dos riscos de deformação moral e da saúde. Seus adeptos, por conseguinte, acreditavam na manutenção da saúde pública através da educação.

Uma conduta disciplinada e o preparo para a luta, com bate e a elevação da Nação são metas da tendência militarista da Educação Física. No período em que floresceu vamos encontrar uma elite capaz de premiar os fortes e eliminar os fracos. Em certo sentido, a tendência militarista se mostra coerente com os princípios autoritários de orientação fascista (1919-1945), que pretende formar o homem obediente e adestrado, distinguindo-se, sem dúvida, da Higienista, cuja inspiração era liberal.

A Educação Física, já foi encarada, anteriormente, como uma prática eminentemente educativa, chegando a propagar a "educação do movimento" como a única maneira de se atingir a "Educação Física Pedagogicista" que tencionava preparar os jovens para o convívio democrático e o culto às riquezas nacionais, através da dança, ginástica e jogos.

Igualmente liberal, como a higienista, ganha força no período pós-guerra de 1945-1964 e se diferencia daquela por

não pensar em "limpeza e higiene pública", mas em integrar-se como "excelentemente educativa" (MARINHO, 1980). Essa tendência busca, por meio de comparações, aproximação do modelo americano, vez que as teorias escolanovistas da época, como a de DEWEY, não implicavam na adoção de uma forma didática tão rígida quanto a militarista. Há relevância da figura do professor de Educação Física, que é propriamente tido como educador, enquanto os demais são rotulados de meros instrutores.

Coube ao professor de Educação Física, no período em questão, a organização, direção e manutenção das fanfarras, jogos intra e inter escolares, desfiles cívicos, propaganda da escola na comunidade e, principalmente, formar o cidadão.

Notamos que esta tendência sofre superposição de uma outra, que cultua o atleta-herói - aquele que tudo e todos superou e atingiu fama e sucesso: subiu ao "podium" - pelo reducionismo ao alto nível e superação individual. Acredita-se, nessa forma de Educação Física Competitivistica, que a prática desportiva deve ser massificada e os expoentes serão encaminhados e trabalhados olímpicamente.

A "performance" é uma meta e os auxílios chegam através dos estudos da Fisiologia de Esforço e da Biomecânica. E, quando se fala em desempenho, não podemos esquecer que teremos o melhor, o pior e o trabalhável, numa hierarquização à margem da Educação Física Militarista.

Por outro lado, há um emparelhamento com a Educação Física Pedagogicista, quando se tem o desporto como um bem em si mesmo, neutro quanto às contradições políticas e sociais.

Sabemos que, por volta dos anos 20-30, o interesse pela competição esportiva de alto nível é crescente, mas, entre a década 60-70, a competitividade ganha terreno, subjugando a Edu

cação Física Escolar a um plano de mera iniciadora ou reveladora dos heróis nacionais. Há um casamento dessa tendência com a tecnoburocracia militar que chegou ao poder, em março de 1964, trazendo como resultante a busca de vitórias olímpicas e propagação das riquezas nacionais para demais países, do mundo (GHIRALDELLI, 1987).

Exatamente no transcorrer desta tendência os problemas e desentendimentos deixam de ter conotações políticas, o Brasil expulsa seus filhos descontentes com a opressão e a censura passa a controlar nossa imprensa.

Durante esta fase de "Brasil : Ame-o ou Deixe-o" busca-se uma união nacional ressaltando a idéia de país-potência. Qualquer problema nacional era cientificamente solucionado por uma elite pensante, que divulgava e passava muito bem a imagem do "Brasil eu fico".

A competitividade foi muito difundida, não apenas por divulgar o Brasil-Gigante, Brasil-Potência, Brasil-Força mas e, talvez principalmente, para abrandar os ânimos sociais. O entretenimento e a canalização das energias e dos momentos de ócio são vistos como função desse espírito competitivo bem apregoado.

Podemos garantir que tal tendência foi muito útil na tarefa de desmobilizar a organização popular. Toda a divulgação do "esporte de alto nível", "esporte espetáculo" introduzida por ação governamental tem o objetivo carnavalesco de entorpecer a massa popular para os problemas evidentes, dirigido e canalizando energias para exhibições esportivas de interesses da ideologia dominante (SOUZA, 1974).

Tomamos conhecimento, através de artigo divulgado pelo Ministério da Educação e Cultura (1974), que o professor de Educação Física, neste período, dispunha de um valor moral maior

do que o conferido à Igreja, uma vez que este, através do desporto "aproxima, une, extingue preconceitos" e aquela "por suas convicções religiosas afastam os homens". Além de que "quanto mais quadras, menos hospitais e prisões; quanto mais calções, menos pijamas de enfermos e uniformes de presidiários" (SOUZA, 1974).

A continuidade histórico-social vai encontrar-se com uma outra tendência que não vê a Educação Física com pretensões educativas, higienistas ou disciplinadoras.

Tão pouco se preocupa com teorizar sobre práticas ditas lúdicas, solidárias. Esta tendência não se pretende "espontaneísta" em sua transformação, mas sabe que dependerá da atuação do profissional que conhece a realidade brasileira, suas implicações com as contradições sociais, e a possibilidade de uma atuação mais efetiva de partidos políticos voltados aos interesses reais sociais.

Tal tendência é conhecida como Populista (GHIRALDELLI, 1987) ou Humanista (OLIVEIRA, 1985) e precisa, ainda, ser revista para se pensar melhor sobre suas consequências atuais e sua projeção para o futuro.

Assim, com esta visão histórica temos melhores condições de entendermos a competição, em âmbito escolar, suas implicações e abrangências.

O Profissional e a Competição

A competição não surge como um atributo inerente à criança. Ao contrário, a competição - tanto quanto a cooperação são comportamentos socialmente aprendidos. Além disso, são também aprendidos o valor atribuído à competição, os padrões usados para comparação quando se está competindo (critérios, normas, re

gras) e, as consequências da competição, via de regra, dependem do contexto social no qual a criança é educada. Estas conclusões têm importantes implicações para os que se interessam pelo desenvolvimento motor. Primeiro, as crianças aprendem a competir e cooperar, na medida em que aprendem a conhecer, compreender e observar os critérios, regras e normas de competições gerais e/ou específicas; sendo assim, pensar-se que estas características são inatas é manifestar uma concepção distorcida. Segundo, a criança aprende a competir por estágios. Consequentemente, é irreal esperar que uma criança de 4 ou 5 anos de idade atue da mesma maneira que uma criança de 12-13 anos de idade, numa atmosfera competitiva, principalmente em relação à observância de critérios, normas ou regras. Terceiro, o meio social no qual a criança compete tem uma importante influência na sua visão do processo competitivo (LAWTHER, 1978).

Tendo tais dados como início, vemos que, durante a formação, num curso de licenciatura em Educação Física, são oferecidas disciplinas técnicas, ou práticas ou profissionais ou ainda técnicas desportivas, com a finalidade de aprimorar o conhecimento do futuro docente em relação a essas práticas, principalmente se pensarmos em formar quem irá trabalhar com crianças em desenvolvimento; na grande maioria tal situação se dá de forma que o professor aplique em suas turmas os vários níveis de tarefas motoras para os vários esportes e, que depois de uma breve automatização, estas turmas saiam praticando tais elementos.

Além disso as disciplinas de Metodologia do Treinamento, Fisiologia do Esforço dos cursos existentes levam a concretização de uma formação altamente competitiva. O acadêmico, então, recebendo tal dose de ensinamentos, portador do título

de "técnico desportivo" além do de professor, envereda pelo mercado profissional em busca de dois empregos: um como professor de Educação Física, podendo criar em sua escola as tais turmas de treinamentos específicos (ele faz jus ao cargo pois é portador de diploma ou registro do Ministério da Educação e Cultura), outro como técnico desportivo especializado, aquele que dirige uma equipe competitiva de médio ou alto nível. Entendemos ser conveniente esclarecer que, atualmente, em razão da resolução CND nº 04/85 e nº 05/85, (que dispõe sobre o exercício das funções de técnicos desportivos aos graduados em Educação Física e, sobre o registro de técnico desportivo) é facultado aos graduados, em Educação Física, o exercício das funções de técnico desportivo e, aos que cursaram estudos em pós-graduação, (a nível de especialização, em modalidades desportivas) é facultado o registro como técnico Desportivo Especializado (Resol: CND nºs 04 e 05/85). Compreendemos que todos poderão atuar na área, uma vez que é facultado o exercício das funções de técnico, com ou sem maiores estudos específicos a sua área, como se uma conduta profissional diante de uma turma, em aula, fosse a mesma diante de uma outra turma, em treinamento específico. Parece-nos estranho, mas é assim que se pretende resolver o problema de preparação de pessoal especializado, nas várias modalidades desportivas.

Não se coloca em questão a validade ou não desses cursos, certificados ou ensinamentos. Apenas consideram-se. É assim que o esporte competitivo chega às nossas escolas de 1º e 2º graus, ou nossas crianças são iniciadas por profissionais burocraticamente qualificados. O desempenho do profissional nem sempre é avaliado, criteriosamente, quer seja pelo trabalho já desenvolvido, pela sua formação, pela sua maneira de conduzir

seus trabalhos quer pelos seus propósitos. O que vale é apenas o documento provando haver cursado uma determinada carga horária, sem se perguntar se o programa realmente possibilitou ao aluno os fundamentos para um trabalho eficiente.

Também não se fala em consciência política, ou social ou profissional, que seja, necessárias para se precipitar em direção a equipes competitivas e representativas. Mesmo em sua recente sugestão de organização curricular, quando o Ministério da Educação apresenta uma relação de disciplinas, em suas várias áreas de concentração, para orientação do futuro currículo das Escolas Superiores de Educação Física, percebemos que o encaminhamento de questões morais, sociais, filosóficas e psicológicas não será garantido, especialmente em termos da natureza da abordagem, apenas por estarem essas inseridas numa listagem interdisciplinar.

A Competição como Descarga Energética

Outra visão da Educação Física Competitiva é a da atuação com carga moral, funcionando como uma "válvula de escape", como uma terapia ocupacional inconsequente, própria para a descarga de energia do conjunto de alunos em desenvolvimento. Acredita-se que, na prática desportiva ou na competição, o aluno libere toda a energia própria de sua idade ou estágio de desenvolvimento que se encontra armazenada. Assim a competição se apresenta como uma forma do participante extravasar toda sua euforia, seu entusiasmo, sua potência, sua agressividade (STUDER e KAZLUSKY, 1981).

Há também a tendência de compatibilizar uma situação real e outra hipotética, que tem como auxiliar a "Disciplina" e

a "Ordem", na preocupação de que um físico bem trabalhado favorece a manutenção de uma mente sadia. A situação real é referente a aquisição, melhora e manutenção do valor físico e técnico, próprio de cada aluno, e a hipotética é relativa ao sonho com o sucesso e a idolatria, na possibilidade de um título, de uma medalha. Assim, parece que vale a pena sofrer, treinar, beirar o "stress", entrar em regimes alimentares, alterar horas de sono, incorporar novos valores de vida. O que está em disputa é a medalha, o troféu, o campeonato e, com eles a saída do anonimato. A auto-afirmação, o reconhecimento público em perspectiva, o domínio da técnica e dos outros, o envolvimento afetivo com os "do time" são suficientes para que o jovem se submeta a uma disciplina rígida e a uma "ordem" além da permitida em situações comuns de vida.

Por outro lado, como o mecanismo escolar parece ser pródigo em integrar, os pais são convocados a acompanhar o sucesso de seus filhos, participando, torcendo, vibrando e entusiasmando esses pequenos heróis do esporte. A partir daí, surge "naturalmente" o interesse pelas dependências esportivas, pelas boas aparelhagens e pelo alto rendimento de seus filhos. E mais, dessa forma, todos os demais colegas querem passar da condição de contemplador ou torcedor para o papel principal, de ganhador, de vencedor. É a figura maior que o aluno visualiza: o campeão, o astro (HILDEBRANDT e LANGING, 1986).

SOUZA (1974) nos aponta um outro tipo de descarga energética da competição: serve de analgésico para um grupo social. Em seus escritos, encontramos explicitamente, que o corpo do operário cansado, após um dia de serviço, poderá melhor repousar após uma sessão desportiva. Ou o jovem suportará melhor os desajustes familiares, se bem conduzido numa atividade físi-

ca.

O exercício ou a prática educativa na Educação Física, pela maneira como é apresentada, não se esgota ou não se plenifica nela mesma, mas busca sua plenitude e mesmo sua razão de ser em outra instância.

Essa situação faz com que a Educação Física seja visualizada por seus cultores como um conjunto de recursos instrumentais. Os exercícios são valorizados na medida em que levam a um rendimento exigido para a produção de um desempenho específico, no presente caso, nas atividades desportivas. A melhora física será assegurada pelo triunfo que mostrará a importância da Educação Física. Os exercícios são estabelecidos e modificados, não em função das pessoas ou das situações existenciais, mas em função da modalidade do esporte praticado, isto porque, tais exercícios físicos deverão garantir, em primeira instância, a participação no jogo e, em segunda instância, deverá trazer a vitória.

A vitória dá indicação absoluta do valor da educação física. Vencer é consagração e valor do exercício físico. O principal objetivo é produzir um atleta, mas o objetivo máximo será produzir um vencedor (OGLESBY, 1981).

A idéia de competição é indicadora de teses ideológicas decisivas na compreensão da Educação Física e dos desportos. A necessidade de competir, como elemento fundamental da prática dos desportos, fez com que a educação física incorporasse um papel de relevância dentro de toda a prática desportiva e, em especial, em relação aos grandes eventos esportivos. O bairrismo e nacionalismo são alguns fatos muito conhecidos e essa situação torna-se ainda mais complexa na medida em que os elementos ideológicos fornecem a tônica dominante dos espetáculos. A

competição é apenas a forma de demonstrar a supremacia e a dominação de uma ideologia. Deste modo, a Educação Física objetiva formar o competidor, ou melhor, o competidor-vencedor.

O bom competidor é o que triunfa, o que se impõe sobre o outro, o que leva vantagem. Competir é empenhar-se até o extremo para chegar ao triunfo. Triunfar não é dar um bom espetáculo, mas é, antes de tudo, vencer o outro. E vencer o outro é dominá-lo, é ser superior. Partindo destas perspectivas, pode-se também observar que a Educação Física acaba fornecendo aos indivíduos um princípio de superioridade, de "ser mais", inclusive sob o ponto de vista racial. Está muito evidente que as Olimpíadas são, sempre mais dominadas pela imposição da nacionalidade, não apenas sob o ponto de vista racial, mas também, sob a força da ideologia capaz de produzir o mais alto grau de desenvolvimento expresso em recordes e em medalhas.

Com o desejo de vencer, ou até o "dever de vencer" aliado às imposições dos princípios da supremacia ideológica, o esporte facilmente se transforma num campo de batalha, onde os companheiros não são apenas adversários, mas são visualizados como inimigos a serem destruídos. O jogo torna-se luta e guerra, deixando de ser lazer ou diversão, ou espetáculo. O próprio espectador deixa de aplaudir ou vaiar, para se transformar num fanático, exigindo a vitória a qualquer preço, com seu grito de guerra e de desespero pressionador. Talvez, até como uma forma de descarregar sua energia acumulada.

Em síntese, podemos encontrar, ainda, formas análogas de descarga energética, cujo significado pouco se diferencia : para uns, de forma a praticar pelo engrandecimento de outrem ; para outros, de forma a manterem-se isolados e afastados de uma realidade social incômoda.

Educação Física Competitiva ou Propaganda?

Muito se tem falado sobre as relações entre o esporte e a dominação, e o ato de competir ainda se transforma no ponto motivador das aulas. O ganhar é o ápice das mesmas. O que nos provoca reflexão é a maneira como é proposto o confronto; como são selecionados seus participantes; o que fundamenta e como é a orientação desses alunos; como recebem a derrota e o que significa a vitória.

Antes mesmo disso tudo, como foi preparado o coordenador desse envolvimento: o que o professor precisa saber, para dirigir uma competição ou dela fazer parte.

A verdade é que, durante o curso de formação, fazemos estudos de Psicologia, Sociologia, Fisiologia, em "visões gerais", sem intenção de estudarmos Sociologia do Esporte, Psicologia aplicada ao Esporte ou a Filosofia do próprio esporte.

De tudo isso, uma coisa é certa: tudo reduz-se ao incentivo da competição, quer dizer, ao incentivo para que se seja o melhor, para se ter poder, como se observa constantemente nas práticas esportivas da Educação Física, em seus objetivos ocultos, ideológicos. No passado, evidenciou-se amplamente o poder dessas práticas de penetração na difusão ou propaganda com o embalo da conquista de campeonatos Mundiais e que, como convinha ao regime militar no momento, passou a funcionar como forma de velar censura, vez que a euforia generalizada ajudou, também, a traçar, em cores marcantes, o retrato de um Brasil gigante, imbatível, cantado e decantado em música para incentivar nosso povo (Prá Frente, Brasil), slogans para inculcar a ideologia vigente (Ninguém segura este País; Brasil, ame-o ou deixe-o; Brasil, eu fico). Acentração em vitórias, conquistas e taças, como

símbolo de força ou de poder, advindos de competições, teve outro poder, o de embotar a percepção de outras situações: ao mesmo tempo víamos em bancos e repartições cartazes com listas de pessoas caçadas pelos órgãos de segurança do país; convivendo lado a lado, com o esporte competitivo e carnavalesco tanto quanto o carnaval, a repressão ditatorial buscou com ambos um mesmo objetivo, qual seja o de ter toda uma nação satisfeita e feliz, sem tempo para interromper quer o prazer de jogar, de torcer, quer o de ganhar, para protestar contra a perda de direitos civis e políticos legitimamente seus.

Na verdade, o esporte é usado com a visível finalidade de dominação, de inculcação ideológica, como vimos em específico na relação com o aluno: lhe são ensinados certos hábitos sociais, levam-no a condicionamentos, à idéia restrita de disciplina, ordem e hierarquia, e a questão do poder fica reforçada a nível escolar porque o Esporte e a Educação Física usualmente têm finalidades utilitárias imediatas, invariavelmente no âmbito da competição.

Assim, enfatiza-se que a Educação Física, em sua versão de "Esporte Competitivo", "também" aprimora músculos, fortalece a ossatura, prepara adequadamente o coração, e que todo esse conjunto físico contribuirá, por sua vez, para a melhora da coordenação motora e da atenção. Conseqüentemente a aprendizagem será facilitada, pois que até a escrita melhora. Resta-nos saber se todos os objetivos a que a Educação Física se propõe são, dessa forma, atingidos. Esta não pode ficar servindo apenas como "muleta" para outras disciplinas que dela fazem uso, nem como uma inocente ideologizadora (LOPES, 1987).

É desta forma que as instituições educacionais ampliam suas instalações esportivas e atraem os incautos para dentro de

seus muros, mostrando, em anúncios de jornais, cartazes e T.V., alunos-atletas, propagandeando as entidades educacionais.

A Educação Física Competitiva e o Mito

Quando falamos em Educação Física Competitiva não podemos abandonar a idéia de que, dentro do aparelho ideológico escolar, o atleta é aluno. Essa é uma bela oportunidade de controlar o estudo do aluno e fazer com que ele se sobressaia na matérias teóricas, garantindo assim a participação em equipes representativas, o que significa que o esporte pode ser manipulado e se transformar num modo de controle absoluto sobre o aluno.

Nossa sociedade capitalista faz muito mais do que manipular: ela premia através de aplausos, recompensas e medalhas. Numa situação interna, a própria escola enaltece seus semi-deuses. Em competições inter classes, entre escolas ou regionais, todos os elementos estarão encaixados em pontos, pelos quais desempenharão o seu melhor papel. Tais confrontos costumam ser divulgados, por se tratarem de pontos de integração multi-disciplinar e congregam todos, alunos, pais e comunidade, em torno da idéia vencer para sair do anonimato, se não de todos, pelo menos do círculo escolar. Vencer significa, portanto, tornar-se único, diferente, inigualável, inatingível, mito.

E perguntamos: quantos serão os mitos? E quantos serão os outros? O que será de uns e dos outros?

Poucos são os mitos, em qualquer situação. Talvez em função de sua raridade, mesmo sem consciência desta, o homem simples sente-se diminuído ou acomodado, na sua pequenez, convertido em espectador, mas dirigido pelo poder dos mitos. O desafio que se apresenta é de outra natureza, por ser o da dife

rença que esmaga, que imobiliza pela redução à sua insignificância, à sua impotência. Fica criado o impasse, no qual o mito se sobressai e o comum se torna assustado, temeroso e até duvidoso de toda a sua possibilidade (FREIRE, 1981). Só o mito passa a poder, querer, dizer ou fazer, em quaisquer dos planos, pois ele é quem sabe vencer.

Acreditamos que uma das grandes, se não a maior, tragédia do homem moderno, está na força de dominação dos mitos, que são reforçados pela publicidade. Os indivíduos comuns são expulsos da órbita das decisões, cabendo-lhes apenas a permanência no anonimato nivelador da massa, domesticado, coisificado (FROMM, 1983). As sociedades que vivem esta passagem estão a exigir, pela rapidez e flexibilidade que as caracterizam, a formação e o desenvolvimento de um espírito também flexível, a fim de que possam perceber as fortes contradições que se aprofundam com o choque dos valores sociais.

Temos que nos convencer de que uma sociedade que vinha e vem sofrendo alterações tão profundas e em que as transformações tendem a ativar cada vez mais o povo em imersão, necessita de uma reforma urgente e total em seu processo educativo e em outras instituições que ultrapassem os limites pedagógicos, mas que também levem à decisão e a responsabilidade.

Sem mito e sem seguidores.

Dessa forma, o professor de Educação Física, que é um incentivador e criador de atletas e mantenedor dos campeões, precisa rever sua função diante das finalidades de sua profissão e das necessidades da sociedade em que vive.

Educação Física Competitiva e o Profissionalismo Oculto

É bom percebermos que a Educação Física Competitiva cobra de seu profissional um comportamento flexível; quando necessário, empregará a força, isto é, métodos autoritários. Em outras ocasiões, quando examina novas práticas, trabalhando com o grupo ou planejando, passa a adotar uma política compreensiva, isto implica outras qualidades importantes no espaço de flexibilidade do comportamento como a sensibilidade, criatividade e compreensão intelectual do que é conveniente ou não.

Às vezes, durante uma competição, o profissional desempenha um papel dogmático, principalmente quando dispõe de alunos pouco experientes submetidos a circunstâncias competitivas muito tensionantes. No entanto, uma conduta permanente autoritária é bem capaz de cercear o desenvolvimento e a liberdade do atleta, além de barrar suas inclinações para a descoberta ou adoção de novos métodos e táticas.

Esse, no entanto, não parece ser o único universo do esporte competitivo escolar. Embora diferenças possam aparentemente ser observadas entre competir na escola e competir em clubes profissionais estas não se mantêm em substância, especialmente se são considerados os aspectos fundamentais de motivação ou de comprometimento (DE ROSE, 1983).

Há uma semelhança muito grande do esporte competitivo escolar com o esporte profissional, se não vejamos: os alunos estarão recebendo ajudas de custo, bolsa de estudo, manutenção de material para treinamento, em troca do reconhecimento de seu "trabalho". Assim há uma maior valorização do desempenho físico, da melhora técnica e do bom arranjo tático, como se fossem atletas profissionais.

A glória virá quando, após descer do "podium", algum clube cobiçar e "comprar o passe" desse aluno-atleta. A escola foi o trampolim para o sucesso esportivo, com um contrato promissor e rentável. A forma amadora encoberta, camufla, mascara o profissionalismo cujo nível de consciência ainda é o mesmo do escolar, com o agravante de, no nível profissional, se tratar de elementos adultos, dirigidos por profissionais nem sempre habilitados para o cargo, mas com "vida no ramo" que os assegure o emprego.

Quanto à melhora no nível de vida, tão apregoada pela Educação Física, é muito discutível, uma vez que o aluno-atleta recebe um intenso período de treinamento e todo um programa de condutas que chegam a distanciar de um padrão de vida equilibrado. E, já como profissional do Esporte, por ganhar sua bolsa de estudo, uniforme e material específico para treinos, terá que render mais para poder galgar a fama. Não se discute o método seguido, apenas o objetivo atingido

E o profissional da Educação Física? Como trabalhou com as várias situações disponíveis para chegar ao fim de seu projeto? Vale ressaltar que, em sua formação universitária, ele passou por disciplinas de treinamentos desportivos (Metodologia, Nutrição, Biomecânica do Movimento, Avaliação e Medida do Rendimento), por disciplinas de fundo humanístico (Psicologia, Sociologia, História da Educação Física, Filosofia) e por aquelas que acreditam ter dado os meios básicos de transmissão (Didática, Prática de Ensino), sempre amparadas por outras, básicas e eletivas, que constituem o corpo de conhecimento imprescindíveis ao desempenho profissional que escolheu.

Caberá, apenas, verificarmos a qual dos conjuntos foi dado maior importância; ou mesmo sondarmos qual tipo de homem esta Educação Física tentou formar, e formou. Acreditamos que

há muito se faz a hora de nos convenceremos que não basta um diploma, ou um vasto currículo, ou mesmo um rol de disciplinas cursadas, para assegurar o nível de compromisso ou de desenvolvimento profissional. Muito mais é preciso; convém verificar o grau de envolvimento com a sociedade, a preocupação com as relações de transformação, o cuidado com o tratamento do homem-sujeito e do homem-objeto. E isso não é adquirido com frequência e avaliações acadêmicas (ALVES, 1981).

Muitas vezes esse professor tem, por opção, a continuidade do trabalho ideológico escolar: "Treinar para obter melhores resultados, mais medalhas e grandes títulos". Afinal, numa sociedade capitalista esse discurso é de grande importância. Ou, talvez, o único existente.

Vamos reiterar, finalmente, que o aluno-atleta que desfruta de vantagens oferecidas, em troca de seu rendimento, assemelha-se muito ao atleta profissional que vive de seu desempenho. Ambos desenvolvem o mesmo papel, diferenciando-se apenas na forma de pagamento.

O Jogo e a Educação Física Competitiva

É pelo jogo que o aluno desenvolverá as possibilidades que emergirão de sua estrutura particular. Ele concretizará as potencialidades virtuais que afloram sucessivamente à superfície de seu ser, assimilando-as e as desenvolvendo, unindo-as e combinando-as, coordenando seu ser e dando-lhe vigor. É desta forma que ele assume um papel de "pré-exercício para a vida", apenas dosado em função das diferentes idades e dos graus de habilidade de seus praticantes (CHATEAU, 1987).

Consideramos notável o fato dos jogos serem dirigidos

unicamente às atividades, não importando o objetivo com que se joga. Mais ainda, o jogo vai apresentar uma variedade e uma imprevisibilidade que pouco se distancia em nosso dia-a-dia.

Aparece, então, uma atividade lúdica de um gênero novo, pela qual a criança afirma seus poderes, prova seu valor. É essa atividade lúdica que nos interessa agora, unicamente, porque dela nascem todos os jogos posteriores. Sua origem provém de uma atividade interessada, mas não é mais voltada para o prazer sensorial que proporcionava esse resultado e sim para o sujeito; o que conta, para a criança - aluno-atleta que ganha um jogo - não é a vitória em si, mas sua atuação, a forma como jogou e como superou seus desempenhos anteriores.

Comentaremos, ainda, sobre as regras; segundo VAYER (1985), a própria criança cria regras para cumprir, o que auxilia a afirmar o seu eu. Assim, a regra aparece como instrumento de auxílio à formação da personalidade. Mas, a observação nos mostra que a criança tende a ser desordenada: não sabe nem quer submeter seus atos a uma regulamentação. O jogo surge, então, como possibilidade de habitua-la a agir com método, a manter seus objetivos em ordem, a organizar seu pensamento ou conhecimento, ou a se tornar submissa à regra social, em dependência quase que exclusiva de como ela vai lidar com os critérios, ou regras do jogo em que se envolve.

Verificamos, por estudos, que os jogos com regras individuais arbitrarias, geralmente solitários, não persistem por muito tempo, mas servem para preparar à introdução dos jogos coletivos e/ou competitivo. É o caminho trilhado pelos desafios e pelas apostas. Com os jogos posteriores, coletivos ou competitivos, a regra torna-se coisa social, levando a criança a uma submissão às regras definidas ou exteriores, mesmo sem entendê-las.

Gostaríamos de salientar, como VAYER (1985), que o jogo é sempre uma coisa séria, tanto para uns como para outros, pois não há jogo possível de ser jogado, se regras criadas não são respeitadas. É, por isso, uma forma diferente de abordar o mundo. Se o jogo é oposto ao trabalho produtivo, é forçoso reconhecê-lo não somente como passa-tempo ou distração, mas como necessidade de ser, necessidade de escapar à impregnação da realidade.

Assim, os jogos esportivos exigem um dispêndio de energia, sem relação e significado quaisquer com o que resulta da "atividade-trabalho", ordinariamente automatizada. Afirmamos que o jogo de adulto é mais socializado que o da criança não expressa a realidade: ambos, criança e adulto, têm necessidade de ser e de realizar com outras pessoas, igualmente, através do jogo como atividade lúdica ou não, de formas diversas, em diferentes níveis.

Percebemos que um fato é certo: o jogo desenvolve e afirma o ego de seus participantes, leva-os à aceitação de regras compreensivas ou à submissão a regras estabelecidas; expressa sua capacidade de criação e os coloca em condições de se organizarem com os outros, ao passo que na situação educativa, de sala de aula, as mesmas capacidades são mais difíceis de serem, de outra forma, trabalhadas. Daí, pode-se entender, sem estranhezas, que adultos e educadores tenham procurado integrar os aspectos formadores que o jogo envolve, às suas proposições educativas.

Quanto às atividades centradas na aprendizagem dos jogos esportivos, notamos que as crianças expressam o desejo dos adultos, que buscam motivação nos jogos esportivos influenciados pelos meios de comunicação de massa e que, ainda assim, essas crianças buscam a suas próprias formas de superação e organização.

Assim, ao pensar no que temos em nossas aulas de "Educação Física ou Treinos", advêm várias indagações. Será que há uma proposta lúdica, com regras maleáveis, a que nossos alunos - atle-

tas se adaptem? Ou o jogo que encontramos é o jogo com regras próprias implicando conhecimentos táticos e técnicos já definidos?

A resposta é dura, mas real: o jogo praticado em nossas escolas é o de consagração pública, o que traz medalhas, o que exige rendimentos atléticos e rebotizados, as regras não são discutidas, mas apenas cumpridas. Este tipo de atividade é válida no meio escolar como necessária e de importância, tal a frequência com que é realizada.

Entendemos tal redução como fator crucial de estrangulamento da Educação Física, quer seja Competitiva, quer seja Escolar, diante do mau aproveitamento de seus recursos metodológicos e do conhecimento e dimensionamento desses mesmos recursos.

Voltamos a repetir: o jogo praticado, em sua totalidade, é o do esporte, propriamente dito, com funções exclusivamente técnico-táticas. Os aspectos lúdicos, de criação, de combinação de regras entre os sujeitos, de autonomia de observação às "regras do grupo social" não são consideradas relevantes.

A Educação do Movimento e a Educação Física Competitiva: uma Nova Tendência

É muito importante termos consciência de que a Educação Física Competitiva, tal como é mostrada, em campeonatos escolares, internos, externos, regionais, tem relação e envolvimento direto com questões ideológicas atinentes ao regime político, social e econômico reinante em cada país e, em todo o mundo.

Extrapolando os muros escolares, não é difícil observar que alunos-atletas respondem à política vigente, que os beneficiam como propaganda do sistema. É interessante notarmos que, em ocasiões olímpicas, surpreendemo-nos ao vermos os soviéticos, ou os americanos lutando pelos primeiros lugares e,

consequentemente, pela divulgação dos nomes de seus países acompanhados, ideologicamente, de seus partidos.

Em âmbito mais específico, vale a reflexão: não será a escola campeã a detentora de maior rigor, mais seriedade e maior cuidado na preparação de seus alunos? Sim é o que notamos nos prospectos de apresentação das ditas boas instituições educacionais. Resta-nos um outro ângulo de reflexão: quem garantiu tal efeito propagandístico, o aluno ou o esporte em si? E a resposta é clara, única, precisa: o aluno foi o objeto de veiculação dessa mensagem (SÉRGIO, 1982).

Se, no decorrer de nossa vida profissional, formos sempre reducionistas ao ponto de apenas vermos a competição pela competição, sem refletirmos sobre suas causas e seus efeitos, pouco poderemos fazer para atingirmos objetivos realmente educacionais.

Desprezar a Educação Física em sua forma Escolar e Competitiva é abandonar um meio poderoso de comunicação e um veio de abrangência ainda não totalmente percebida e explorada. Para chegarmos ao ponto em que a Educação Física se preocupe com a educação global da criança, dando a ela oportunidade de melhoria e aquisição de novos dados para seu acervo motor é preciso que o professor estimule o desenvolvimento de maior número de habilidades motoras, sem a prática tecnicista e irracional de movimentos inteligíveis. A real preocupação deve ser com a descoberta corporal, suas limitações de combate, a percepção do bem-estar físico e mental, a motivação pelo e no esporte, o envolvimento com o grupo e o prazer de se movimentar (STUNDER e KAZLUSKY, 1981).

Nada disso visa descaracterizar a Educação Física Escolar na sua abordagem competitiva, mas tenta dar uma ênfase

maior ao movimento e a forma com que se trabalha seus aspectos educativos. Não lutamos contra a técnica e a tática, mas contra a forma como vêm sendo usadas. Sua supervalorização resulta em cerceamento de idéias, na redução da capacidade crítica e da própria participação da pessoa como sujeito efetivo de sua práxis.

Para nós há grande diferença entre ensinar um movimento com fim em si mesmo, ensiná-lo para descobrir ou medir limites e limitações pelas diferenças individuais evidenciadas, e usá-lo com o propósito de promover uma situação educacional. Não faz sentido apenas treinar, automatizar, domesticar um atleta ou aluno para que execute bem o gesto. Passa a haver sentido, quando ele fizer uso deste movimento, como forma de conhecimento das potencialidades do próprio corpo, com o uso de parâmetros pessoais (ele é o seu próprio parâmetro), esquematizando e criticando cada situação. Desta forma, nosso compromisso estará ligado a uma Educação Física numa perspectiva tal que suas ações passam a abrir o espaço necessário, concomitantemente individual e coletivo, para funcionar como instrumento de libertação e não como um instrumento de opressão.

A entrada da competição, através dos jogos, na Educação Física, pode passar a representar um progresso indiscutível para a escola, em todo o processo pedagógico, ainda que, para tanto, mantenha-se a prática precoce do esporte, em si, o qual, na visão de SÉRGIO (1982), é uma coisa completamente distinta da especialização precoce. O que se torna desejável, do nosso ponto de vista, é que o movimento, objeto central do estudo ou do trabalho educativo passe a ser, decididamente, estudado, trabalhado e valorizado.

É em torno do esquema corporal e a partir dele que se

torna possível organizar todas as condutas e elaborar todos os dados que consistirão os comportamentos e consideração as aptidões.

Todos reconhecemos a importância do corpo, e de sua educação, nas atividades educativas que procuram habilitar a criança e favorecer sua inserção no mundo. Na maioria dos casos, o corpo tão somente é "educado" visando a aprendizagem de técnicas diversas ou de conhecimento intelectual que se supõe dele depender direta ou indiretamente. Desta forma, o corpo - de um ponto de vista externo - geralmente é treinado para adquirir determinados esquemas de ação, e esse treinamento separa o corpo do restante de modo tão drástico que, por vezes, nenhuma relação parece ter com aquele que lhe dá identidade. Convém que repitamos: o corpo não pode mais ser visto como um objeto ou um instrumento a serviço do espírito. Ele é a maneira pela qual nos inserimos no real, através do que chamamos de linguagem da ação corporal (DESTROOPER e VAYER, 1986).

Nesta perspectiva, o diálogo entre "professor de Educação Física-aluno" assume outros significados, além de uma simples troca verbal; implica uma comunicação efetiva que se situa em dois níveis: ao nível das pessoas envolvidas e ao nível da ação.

O professor passa a ter necessidade de assumir e de melhor desenvolver seu papel de mediador ou catalisador, na relação geral aluno-mundo. Para tanto, acreditamos que o professor necessite dominar as diferentes situações, cujo conjunto constitui a ação educativa, esforçando-se por explicitar e compreender o significado que uma ou outra ação assume para seu aluno. E mais, o professor envolvido com a Educação Física do Movimento sabe aceitar desenvolvimentos não previstos, descaminhos de

seu projeto inicial e tem capacidade para sugerir situações novas, quando o alunado se prender a estereótipos.

Ainda neste nível, o aluno em questão é solicitado, pelo próprio envolvimento e filosofia da proposição, a atribuir significado a todo o desenvolvimento e derivações de ações, todas as alterações, fracassos ou fugas. Há uma linguagem de ação que, quando utilizada, não tem o poder restrito pelo caráter impositivo da linguagem verbal, nem é, a primeira vista, tão explícita quanto esta, contudo essa linguagem da ação corporal está relacionada a um conjunto de informações gestuas, verbais, tônicas e mesmo sócio-econômicas, de certa forma flutuante. Apresentando-se com tais atributos de flexibilidade, pode tomar rumos imprevisíveis, mas evoluindo sempre com o aluno, no nível da ação, agora eminentemente qualitativa.

Esta forma de comunicação pode ser tão mais rica quanto mais informal, mantendo atenção constante aos elementos psicofetivos da ação, portanto, pode expressar envolvimento os mais íntimos - com os outros e com os elementos disponíveis - bem como projeções do indivíduo que nesta se envolveu. Por isso a importância que estamos buscando ressaltar no delineamento de um processo novo, resalta, também a atuação do profissional empenhado nessa forma de ação educativa: ele deverá compreender e utilizar a linguagem do aluno, ajudá-lo a reconhecer-se a si próprio e ao outro, bem como a entender seus gestos e os dos outros (BERNSTEIN, 1977), em termos de natureza, possibilidades e limites, sem perder de vista o parâmetro humano usual.

Insistimos: a linguagem da ação educativa é o conjunto de comunicações que o indivíduo realiza com o mundo ao seu redor, e, em seus diferentes aspectos de comunicação, o corpo é a referência permanente. Se repensarmos no aspecto competitivo

de nossa Educação Física, com esta visão, notaremos que ela sofrerá profundas alterações, na medida em que se fortalecerem os diálogos corporais e se questionarem os valores das medalhas, dentro ou fora dos muros escolares.

Evidentemente o diálogo corporal só se torna importante se pensarmos no sentido amplo da Educação do ser, deste como um todo, conforme a proposta de PIERRE VAYER (1985), que vê tal processo centrado em três eixos: a construção do eu corporal, a criança e o mundo dos objetos e a criança e o mundo do outro.

O encontro, a presença, a mutualidade, indispensáveis para sair progressivamente do indiviso, do informe e atingir o relacional, exigem a intervenção prudente do profissional competente e experiente. A comunicação íntima com a criança revelará a unidade interior de seus gestos e a autenticidade de sua pessoa, que poderá ser avisada ou descoberta na Educação Física. O grande desafio que daí decorre, sem dúvida, é concernente às formas de operacionalização didático-pedagógicas dessas proposições, redimensionando e dando significado educativo à prática efetiva da Educação Física na Escola.

"O que aconteceria se, em vez de apenas construir nossa vida, nós nos entregássemos à loucura ou à sabedoria de dançá-la?"

- ROGER GARAUDY -

CAPÍTULO IV

PERSPECTIVAS: EM BUSCA DE ESPAÇOS NOVOS E PRÓPRIOS.

Ao abordarmos, no estudo tri-facetado aqui desenvolvido, algumas das importantes questões da Educação Física - relativas às práticas escolares, por um lado, ao cunho e direção acentuatadamente competitivos, por outro - a partir de questões fundamentais concernentes à formação do profissional na área, tivemos sempre em consideração e perspectiva os muitos profissionais que vêm desenvolvendo estudos e esforços para esclarecer outras questões que dizem respeito a identidade da própria Educação Física. A crise de identidade da área (ou ciência?) instala, subsequentemente, a crise de identidade da profissão, ou, pelo menos, repercute gerando insatisfação e insegurança quanto ao espaço profissional que configura a atuação docente.

Embora não tenhamos tomado, para análise e discussão, a última das categorias de questões mencionadas, torna-se imprescindível não perdê-la de vista neste momento, em que nos interessa considerar as perspectivas que se afiguram, do nosso ponto de vista, para redimensão da Educação Física. Acreditamos expressar o anseio de grande parte dos educadores da área quando, no delineamento do que se pode projetar para consubstanciação da nossa área, tentamos pensar em formas viáveis que tornem a Educação Física, em suas ações e interações, decididamente abrangente, compreensiva, atingente, crítica e, conseqüentemente, respeitada.

Ainda que não pensemos a identidade da Educação Física, podemos contribuir, de certa forma, para o esclarecimento dessa questão, na medida que buscamos refletir sobre uma prática educativa de Educação Física, articulada, coerente e fundada em princípios da Educação. A base educacional - ou, melhor seria dizer,

a inspiração educacional - na configuração de uma "nova" prática, poderia, ao nosso ver, servir como forma prévia de organização para o tratamento das questões específicas, num momento posterior, em âmbito também específico da Educação Física, abandonando, progressivamente, as situações de dependência dos subsídios que dizem mais propriamente respeito ao "metier" da Educação por si. Queremos dizer que, nos parece viável partir da Educação - ou da problemática educacional - para a consideração da problemática relacional da abordagem que a própria expressão "Educação Física" revela.

Em Educação, se insiste num discurso que acentua a primazia do indivíduo, de sua originalidade, de suas características pessoais e, portanto, implica uma prática educativa alicerçada nas diferenças. Praticase, porém, o inverso. Reduz-se o homem ao homogêneo, ao coletivo único e a semelhanças gerais. Fala-se do homem como um todo, mas cria-se uma nomenclatura em que o homem é sempre apresentado dividido em duas parcelas, uma mental e outra física. Aquela denominada "física" indica que deve haver outro gênero de educação que não é física, e isto mostra que o discurso unitário sobre o homem se distancia da prática, por ser esta predominantemente dualista. O homem pode ser tratado apenas fisicamente, apenas socialmente, apenas mentalmente e, daí surgem contrapontos em extremos, opostos e contrários, explicitando visões maniqueístas. Consequentemente, lidar com os aspectos relacionais traz dificuldades, principalmente por exigir a adoção de um outro tipo de raciocínio ou de lógica.

Ao utilizarmos a designação "Educação Física e Desportos", ligamos a "Educação Física" ao termo "Desportos" e indicamos uma relação em que as duas realidades podem estar unidas, o que quer dizer que a Educação Física converge para ou se realiza

na prática de desportos. Esta direção para o desporto, no entanto, não quer dizer necessariamente, que a prática desportiva leve em conta o bem estar ou o equilíbrio orgânico do indivíduo, mas sugere, mais seguramente, a idéia de "performance" e de produtividade exigidas na prática de determinada modalidade desportiva. Assim, podemos neste caso perceber, como a desvinculação do discurso supostamente convergente para a educação do homem, como é de se esperar de toda a atividade escolar, dando lugar a uma prática que visa sobremaneira o maior grau de rentabilidade na produção.

Nova Visão da Educação Física

A nossa herança cultural nos acostumou pensar o homem a partir da alma e do corpo. Dentro desta dualidade, o valor nobre e supremo é reservado à parte espiritual ou intelectual. A dimensão corpórea só pode ser considerada numa função de servil. Dentro deste contexto, a nossa educação ocidental insiste em nos apresentar o corpo apenas como instrumento, como objeto de uso para fins mais nobres. Chegamos a conceder ao corpo certas funções que lhe são específicas, somente quando tem, como finalidades e objetivos, valores considerados superiores. A alma, a consciência ou a mente usam o corpo como veículo que conduz à perfeição, mas que pode dificultar o bom andamento quando ele não obedece aos ditames espirituais.

O corpo é, nos dias de hoje, valorado quando a serviço de um ideal de desempenhos, de "performances" de dominação e de supremacia ideológica. Isto quer dizer que o corpo, com determinado grau de rentabilidade - e reforçado pelo princípio da competição - está, via de regra, a serviço de uma modalidade de espor

te, mas para demonstrar, exclusivamente, a superioridade da nacionalidade, da ideologia racial ou política (GRIFFIN, 1983).

Quando pensamos, de outra forma e em outra perspectiva, o curso, a disciplina de Educação Física, ou o próprio esporte, temos de levar em consideração outros critérios que não coloquem como eixo de referência o modelo padrão, se tivermos como referência pressupostos educacionais. Para isso é preciso, como ponto de partida, substituímos a idéia do homogêneo pela idéia do heterogêneo, assumindo que o mais importante não são as características comuns ou semelhantes, mas as diferenças específicas de indivíduos e de grupos, as características pessoais e as situações existenciais enquanto específicos, sem perder de vista a totalidade social. Cada exercício, cada movimento, cada postura deverão ser determinadas pelo critério de maior adequação à circunstância (DEMEL, 1978), quer social, quer situacional de indivíduos em grupos.

Avançando neste raciocínio, podemos questionar, por exemplo, situações que colocam a relação da Educação Física com o trabalho, principalmente em função do movimento. Quem trabalha (e a lei não especifica o gênero de trabalho) será que não está necessitado de Educação Física? O trabalhador braçal cujo esforço o desgasta fisicamente e, muitas vezes, o obriga a movimentos repetitivos e deformantes, não estaria precisando de uma Educação Física que se voltasse especificamente para sua situação? A Educação Física poderia consistir e, não vemos porque não, em exercícios relaxantes, ou de respiração, ou de posturas tranquilizantes ou de movimentos operacionais dos trabalhos produtivos e mecânicos, informando, orientando, esclarecendo devidamente aqueles que se enquadram nesta categoria, sobre os malefícios do mecanismo característico da sua atividade, dando a conhecer as for

mas de desgaste decorrentes, tanto quanto as formas de superação, proteção ou prevenção. A Educação Física poderia pensar e trabalhar conjuntos de atividades diversas e, diversificadas em função de situações humanas, capazes de eliminar tensões físicas e/ou psíquicas, fazendo com que o corpo se movimente harmonicamente dentro de suas características próprias e, que possam, na busca da harmonia ou do equilíbrio corporal, compensar distorções advindas de solicitações parciais intensas ou do uso acentuado e contínuo de certos movimentos, músculos, esquemas etc.

A Corporeidade

A sociedade contemporânea, como sabemos, face à complexidade de suas instituições e ao seu nível de desenvolvimento cultural, exige quotidianamente de quem trabalha, em cada gênero de atividade, um determinado conjunto de movimentos uniformes, posturas físicas e mentais determinadas, gestos, atitudes e dispêndios de energia constantes, repetitivos e desequilibrados. O indivíduo, portanto, não é exigido na sua totalidade e muito menos em sua globalidade harmônica. Tais situações ou movimentos unilaterais e repetitivos produzem deformações físicas e complicações psicológicas que a Educação Física poderia trabalhar, desenvolvendo um tipo positivo de educação "compensatória", pela ciência do movimento corporal, de atividade calmantes, ou de atividades restauradoras e de manutenção do equilíbrio corporal (LANE e CODO, 1984).

A Educação Física, numa perspectiva de redimensão, passaria a nos ensinar como viver e sentir bem nosso corpo. Este objetivo configuraria a atuação nesta área como fundamental, na medida em que é concernente à base do modo próprio de ser do ho-

"Entretanto, não é sensato achar que com apenas discursos e idéias sejamos capazes de destruir o errado, o antiquado, o absurdo e, substituí-los pelo certo, pelo moderno e pelo coerente. As mudanças mais radicais não ocorrem espontaneamente, sem revoluções. Mas é preciso, antes de mais nada, se dispor a assumir um compromisso consigo mesmo, com os outros, com o mundo e com a vida - o resto começará a acontecer a partir daí".

- JOÃO PAULO SUBIRÁ MEDINA -

mem. Para ser mais claro, podemos dizer que todo indivíduo se percebe e se sente como corporeidade. É na corporeidade que o homem se faz presente. A dimensão da corporeidade vivida, significativa, expressiva, caracteriza o homem e o distancia dos animais. Todas as atividades humanas são realizadas e visíveis no corpo.

Podemos dizer, de outra forma, que a Educação Física faz parte do complexo mundo criado pelo homem através da compreensão de si mesmo, da sua corporeidade, de seus movimentos. O homem não se compreende como um corpo, mas, de modo geral, como possuidor do corpo, em movimento (CARNEVACCI, 1980).

Nessa perspectiva, há de se tornar a formação profissional, vez que é preciso atribuir maior valor aos aspectos da corporeidade, àquilo que diz respeito à consciência corporal e sua expressão, de forma a permitir que todo indivíduo encontre-se consigo mesmo, com os objetos que o cercam, com o outro e com o próprio mundo, no grupo e na sociedade na qual se insere, em quaisquer faixas etárias (AUCOUTURIER e LAPIERRE, 1987).

Na Educação Física deveremos poder compreender o corpo como elemento básico humano que precisa ser desenvolvido, construído e respeitado em suas várias dimensões humanas. Dependerá de vontade política a adoção de uma filosofia que tenha como princípio o rendimento, a competição e o confronto, onde a meta única é vencer para proclamar superioridade; ou, ao contrário, uma filosofia através da qual as atividades corporais são desenvolvidas principalmente em função de lazer, gesto, harmonia, arte e espetáculo quotidianos. Sendo assim, as linhas filosóficas e pedagógicas da Educação Física, como todas as atividades educativas, passam a estar não só limitadas pela inflexibilidade dos determinismos mecânicos dos sistemas produtivos, como também passam a desenvolver-se no espaço de liberdade, de imaginação e de

criatividade humanas (DESTROOPER e VAYER, 1986).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas reflexões desenvolvidas e das considerações feitas por nós no presente estudo, acreditamos ter sido possível perceber que a Educação Física, como as demais atividades educacionais, pode trilhar diferentes caminhos e enveredar por diferentes linhas de conduta passíveis de assunção e prática pelos seus profissionais e alunos.

Em vários dos capítulos que constituem este estudo, tentamos apresentar amostras de que vários são os caminhos pelos quais se pode optar.

Nas considerações feitas a esse propósito, contudo, não deixamos de levar em conta nossa herança cultural, especialmente em termos de certos fatores que nos levaram a pensar o homem, sempre de forma maniqueísta, como um ser dual, constituído de elementos flagrantes e opostos evidentes na contradição corpo versus mente. Nessa dualidade, nessa contradição, o valor positivo, dignificante é encetado à parte da consciência, da racionalidade, do saber humano. Ao corpo, a valoração atribuída é restrita, pouco digna, serviçal até. A qualificação mais usual assume conotações de repugnância, causa de fraquezas, peso existencial. Percebemos, mesmo, que, com alta frequência o corpo se apresenta como simples objeto de uso para fins supostamente nobres. Se objeto de uso, torna-se, portanto, instrumento de fácil manipulação.

Com a evolução social, novos rumos foram tomados, os quais em nada parece atenuar certos significados. O corpo passa a ser visto em ação à favor de supremacia ideológica, servindo a ideais de "performances" e de dominações. Em função ou à disposição de uma ou outra modalidade esportiva continua a ser usado para demonstrar superioridade de raças, nações ou sistemas políti-

cos. O corpo em uso (ou utilizado) participa, ativamente, de competições, na perspectiva de auto-superação contínua de seus próprios limites.

No entanto, em função dessa mesma dinâmica evolutiva humana, aclara-se, a pouco e pouco, a visão da Educação Física levando-nos a considerações e critérios novos que tendem a não assumir posições nem dualistas, nem tão pouco os modelos padrões determinados como foco de interesse. Características humanas de semelhança, homogeneidade, deixam de ter importância prioritária ou exclusiva e, se tenta atribuir valor maior a características pessoais e grupais heterogêneas, de forma a levar em conta situações específicas - sociais, políticas, econômicas - e existenciais de indivíduos nos grupos.

Assim, parece que chegamos a perceber significados novos em cada movimento, cada exercício, vez que cada postura parece assumir expressão própria, encontrar sua forma de condução pessoal, as quais se determinam pela adoção de critérios de adequação a circunstâncias. A Educação Física, nessa perspectiva, passa a trabalhar no sentido da realização do homem, de ajudá-lo a ser, a sentir e assumir sua corporeidade.

Acreditamos - na forma de explicitação por nós usada - que seja na corporeidade que o homem se fará presente, significante, expressivo em suas peculiaridades, uma vez que cada um, ao assumir seu corpo, conhecerá seu significado e seus limites. E mais, ou concomitantemente, se relacionará com os significados dos outros, numa relação de produção de comunicação humana, na qual mente e corpo se encontram, não em movimento linear, mas dialético.

Se o homem ainda não se compreende como um corpo, mas como possuidor de um corpo, reiteramos, contudo, a nossa crença

(ou esperança) de que, em função de uma educação redimensionada, pela adequação à realidade social e engajamento com objetos, também redimensionados, da Educação Física, seja viável a adoção de uma filosofia e de uma política, através das quais as atividades corporais possam ser vividas como lazer, gesto, arte, jogo (descartando o vencer como meta única).

Com a pretensão de promovermos reflexões e alimentarmos discussão, observamos que a Educação Física, como as demais atividades pedagógicas, podem se limitar pela rigidez dos determinismos mecânicos oriundos dos sistemas produtivos, mas podem também desenvolver-se grandemente na liberdade, na imaginação e na criatividade corporal humana, se, por vontade política, se intentar priorizar o sentido educativo de suas práticas.

Ampliando-se, em conclusão, os parâmetros, reiteramos, também, que o conjunto problemático que atinge a Educação Física não se prende apenas ao filão profissional logado à educação infanto-juvenil ou universitária, mas a população, em geral, principalmente quando inserida na produção. Movimentos de recreação, ginástica de compensação, de reabilitação e de conservação do corpo humano, são algumas formas de trabalho, merecedoras de atenção, a exemplo do que vemos em partes mais desenvolvidas do mundo. Em tais casos, atividades esportivas educacionais são praticadas pelos vários segmentos da sociedade, em vários ambientes, em termos tanto espontâneos quanto orientados.

Vemos o hábito do exercício físico, da atividade saudável efetivamente criados e, do esporte sendo instalado para acompanhar o indivíduo por toda sua vida, independente de sua atividade profissional e de quaisquer preocupações ou intenções meramente competitivas.

No contexto brasileiro, onde a maioria das situações

econômicas e sociais apresenta-se fragilizada e, em decorrência, têm-se poucos recursos orçamentários, locais inadequados e professores com especializações pouco consistentes (no mais das vezes, acentuadamente tecnicistas). Além disso, verifica-se inexistência de programas e políticas eficazes para a Educação Física, e, ainda, tendências à consideração negligente dos aspectos ligados, direta ou indiretamente, ao caráter educativo da Educação Física, como realidades a serem enfrentadas.

Considerações sobre o trabalho árduo de profissionais da área, advêm desse contexto. Esses necessitam conhecer para superar certas barreiras, já mencionadas e discutidas, principalmente aquelas que se evidenciam quando nos deparamos com resistências e renitências por parte de autoridades de diferentes setores, as quais insistem, pelas restrições, em situar a Educação Física, em suas ênfases, como uma atividade inócua, de pouco valor educacional.

Momentos de luta apresentam-se, portanto, em dobro: primeiro contra a árdua e desgastante atividade cotidiana para redimensioná-la, quando se passa a ter consciência do que ocorre; segundo conta os preconceitos do meio profissional e social, que tendem a enfraquecer sobremaneira as alternativas cogitadas, dados os ceticismo, a ignorância, as limitações e a alienação existentes.

Sem intenção de adotar postura messiânica, acreditamos que grande auxílio para redimensão ou sentido transformador da Educação Física pode advir so incremento às bases, das tentativas de caminhos novos e alternativas, tanto quanto na busca aos conhecimentos novos, novas tendências de atividades corporais e de suas aplicações nos vários setores ou segmentos da sociedade.

O estudo e a aplicação racional de recursos financeiros

tanto na formação de novos profissionais, quanto na reciclagem dos que se encontram no exercício de suas funções, e, com prioridade, a reestruturação da política esportiva do país, são necessidades de interesse permanente na ação transformadora da área.

Nesse contexto, mais amplo, de idéias e de ações, nosso ponto de vista relativo ao re-conhecimento corporal e, ao trabalho que daí decorre, fica como um ponto plausível de partida, tendo em vista a melhoria qualitativa da situação. No nosso modo de ver, o homem, consciente de sua corporeidade, de sua estrutura física, de sua imagem e de seus limites corporais, de seu relacionamento com o mundo e com os outros, pode vir realmente a realizar-se como cidadão engajado consigo mesmo e com a sociedade em que vive, atua e que tenta transformar.

Este reconhecimento corporal tido como objeto de estudo e de trabalho na Educação Física, em quaisquer de suas feições, precisa, no entanto, ser melhor estudado e muito mais intensamente trabalhado, quer como ponto de partida, quer como ponto de convergência de estudos futuros; outras contribuições certamente daí advirão no sentido das transformações ideacionais que a área tanto exige.

"A estética supõe que uma atitude fundamental a respeito do mundo e do Homem exista. Ela não é somente um modo de ver o mundo, mas de escolher a vida".

- MAURICE BÉJART -

BIBLIOGRAFIA

- AUCOUTURIER, B. e LAPIERRE, A. Fantasma Corporais e Prática Psicomotora. São Paulo, Editora Manole Ltda, 1987.
- ALVES, R. "Conversas com quem gosta de ensinar". São Paulo, Brasiliense, 1981.
- BAÑUELOS, F. S.; Bases para una didáctica de la Educación Física y el deporte, Gymnos Editorial, Madrid, España, 1986.
- BERGER, B. e LUCKMANN, M. A contemporary anthology, New York, Movement Publications, 1983.
- BERMAN, L. "Novas Prioridades para o currículo", Rio Grande do Sul, Editora Globo, 1981.
- BERNSTEIN, M. A. The Coordination and Regulation of Movement. London, Pergamon Press, 1977.
- BRASIL, LEIS, DECRETOS. Decreto-Lei 69540/71. Fixa a obrigatoriedade da Educação Física no ensino e dá outras providências. Diário Oficial da União de 03/11/71.
- CABRAL, E. B. de A. O Homem Novo no Estado Novo, in "Fundamentos Pedagógicos -2", Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1987.
- CARNEVACCI, M. Dialética do Indivíduo, São Paulo, Brasiliense, 1980.
- CENP-DRECAMP, "Mínimos Curriculares para 1º e 2º graus de Escolas Estaduais", 1985.
- Chateau, J. O Jogo e a Criança. São Paulo, Summus Editorial, 1987.
- CODO, W. e SENNE, W. O que é corpolatria, São Paulo, Brasiliense, 1985.
- COSTA, L. P. Diagnóstico da Educação Física/Desporto no Brasil. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, 1971.
- COSTA, Z. G. "Metodologia para a alfabetização infantil pela televisão". Rio de Janeiro, Tecnologia Educacional, 1979.

- CRATTY, B. J. Psicologia no Esporte. Rio de Janeiro, Editora Prentice-Hall do Brasil Ltda, 1986.
- DEMEL, M. "Integração da Educação Física na Educação". Boletim da Federação Internacional de Educação Física, Madri, Espanha, 1978, 3, 56-57.
- DE ROSE, D. "A iniciação desportiva precoce". Apostilas do Curso Técnico Desportivo, São Paulo, E.S.E.F.J., 1983.
- DESTROOPER, J. e VAYER P. "A Dinâmica da Ação Educativa". São Paulo, Editora Manole Ltda, 1986.
- DIECKERT, J.; KURZ, D.; BRODTMANN, D. Elementos e Princípios da Educação Física. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1985.
- DIEGUEZ, G. K. "Esporte e Poder". Rio de Janeiro, Editora Vozes Ltda., 1985.
- FARIA Jr., A. G. de Fundamentos Pedagógicos -2. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1987.
- FREIRE, P. Educação como Prática da Liberdade. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.
- FROMM, E. O medo e a liberdade. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.
- GHIRALDELLI Jr., P. Tendências e Correntes da Educação Física Brasileira, UNESP - Rio Claro, São Paulo, 1987.
- GOULD, D. "Motor Development during childhood and adolescence". Burgess Publishing Company Minneapolis, EUA, 1984.
- GRIFFIN, P. "Because I want to do better!". American Alliance for the health, Philadelphia, EUA, 1983.
- GRUPE, O. Teoria Pedagógica de la Educación Física. Madrid, Espanha, INEF, 1976.
- HILDEBRANDT, R. e LAGING, R. Concepções Abertas no Ensino da Educação Física, Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico S/A, 1986.
- HUIZINZA, J. "Homo Ludens - o jogo como elemento da cultura". São Paulo, Editora Perspectiva, 1971.

- KAGAN, J. "Desenvolvimento e Personalidade da Criança. São Paulo, Harbra, 1982.
- LAPIERRE, A. A Educação Psicomotora. São Paulo, Editora Manole Ltda, 1986.
- LAWTHER, J. D. Aprendizaje de las Habilidades Motrices. Buenos Aires, Editorial Paidós, 1978.
- LOPES, M. I. de S. L. Reflexões Esportivas versus Inflexões Democráticas, in "Fundamentos Pedagógicos -2", Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1987.
- MARINHO, I. P. História Geral da Educação Física. São Paulo, Brasil Editora, 1980.
- OGLESBY, C. Psycho-social Aspects of Physical Education, American Alliance for Health, Philadelphia, EUA, 1981.
- OLIVEIRA, V. M. "O que é Educação Física". São Paulo, Brasilense, 1983.
- Educação Física Humanista. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1985.
- RARICK, L. An Analysis of the Speed Factor in Simple Athletic Activities. Research Quarterly, VIII: 4, 1967.
- Resoluções 04 e 05/85; do Presidente do Conselho Nacional de Desportos, sobre o exercício e o registro de técnico desportivo, Brasília.
- SERGIO, M. A Prática e a Educação Física. Lisboa, Seara Nova, 1982.
- SNYDERS, G. Para onde vão as pedagogias não-diretivas. Lisboa, Moraes Editores, 1978.
- SOUZA, A. M. A Educação Física em Face da Crimialogia. Revista Brasileira de Educação Física. Brasília (19), 1974.
- STUDER, G. e KAZLUSKY, M. "Humanities in Physical Education". American Alliance for Health, Philadelphia, EUA, 1981.

TANI, G. et alli Educação Física Escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária Ltda, 1988.

VAYER, P. O Diálogo Corporal. São Paulo, Editora Manole Ltda, 1985.

"Pensamos em demasia e sentimos
bem pouco. Mais do que de máquinas,
precisamos de humanidade".

- CHARLES CHAPLIN -

SIGLAS

- C.E.N.P. - Coordenadoria de Ensino e Normas Pedagógicas
- C.N.D. - Conselho Nacional de Desportos
- D.R.E.Camp. - Divisão Regional de Ensino, de Campinas
- F.I.E.P. - Federação Internacional de Educação Física
- I.I.E.S. - Institutos Isolados de Ensino Superior
- M.E.C. - Ministério da Educação e Cultura
- S.E.E.D. - Secretaria da Educação Física e Desportos
- Su.E.P.T. - Sub-Secretaria do Esporte para todos
- U.E.R.J. - Universidade do Estado do Rio de Janeiro
- U.F.R.J. - Universidade Federal do Rio de Janeiro
- UNAERP - Universidade de Ribeirão Preto
- UNESP - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"
- UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas
- USP - Universidade de São Paulo